

RELATÓRIO FINAL DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Diana Sofia Mena Oleiro

Professora Orientadora - Joanna Latka

Fase das Garatujas

Sua importância para o desenvolvimento cognitivo

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre de Qualificação para a
Docência em Educação Pré-Escolar



Instituto Superior de Educação e Ciências

2016

“Desenhar é bom para tirar as ideias da cabeça.

Porque sempre que a gente tem uma ideia,

A gente quer ter ela, brincar com ela,

Aí a gente desenha ela”.

Moreira, (1999), pág.1

Agradecimentos

Quero agradecer à minha Professora Orientadora, Joanna Latka, por me ter conduzido na elaboração desta investigação, pelos momentos de reflexão que me conduziram a focar nos aspetos importantes a serem referidos, dando sempre o seu ponto de vista e pelo seu incentivo de nunca desistir e de melhorar cada vez mais.

Também aos meus pais, na ajuda que me deram para concluir o curso para no futuro conseguir exercer a profissão que sempre escolhi, Educadora de Infância.

Ao meu namorado, por me incentivar no processo de construção deste trabalho e por acreditar em mim.

Resumo

O objetivo desta investigação, Fase das Garatujas. Sua importância para o desenvolvimento cognitivo, efetuada de forma teórica investigativa, teve como intuito de estudar, demonstrar e relatar aspetos relevantes e pertinentes sobre o Desenho Infantil, fundamentando-o como área importante, a ser desenvolvida com as crianças.

A investigação centrou-se nos primeiros registos gráficos dos alunos, conhecidos pelo termo “Garatujas” (entre os 18 meses e os 3 anos de idade), através de explicações e conceitos comprovados cientificamente, por autores que estudaram estes registos. Permitiu-nos compreender como é o pensamento da criança quando desenha, a sua evolução ao longo do processo de aprendizagem, e como se complementa com todas as experiências vividas.

É referida também, a importância da exploração da atividade artística com o apoio, motivação e encorajamento por parte dos adultos que o acompanham incluindo o Educador. Sendo uma área que poderá potenciar positivamente a personalidade de uma criança, incentivando-a ter interesse em explorar novas atividades, criando assim condições de maior “à vontade” com a realidade sentida, a fim de obter melhores respostas aos desafios do dia-a-dia.

Conjuntamente, é apresentado um questionário anónimo, respondido por Educadores que acompanham o dia-a-dia dos mais pequenos, dando-nos a conhecer como são os seus dias / atividades e quais as suas preferências. Permitindo-nos a compreender um pouco mais as suas características.

É apresentado um conjunto de exercícios que o Educador/Pais poderão realizar para incentivar o infante a desenvolver o seu lado artístico, expressivo e criativo, tendo em conta, também, a convivência em sociedade.

Palavras-chave: Desenho infantil; Educação Artística; Garatujas; Desenvolvimento Gráfico; Educação.

Abstract

The objective of the presentation of this theme, "the art of Creating" - The children's drawing in the phase of Scrawls, was performed in theoretical investigative having as order to mention; demonstrate and reporting relevant and pertinent information on the Drawing Playground.

Research will focus on the first records of the child, graphics known by the term "Scrawls" (between 18 months and 3 years of age), through explanation and science proven concepts. Leading us to think and understand the thought of the child and its evolution along their learning, among with all the experiences lived.

Similarly, it is referred the importance of the holding of artistic activity on the part of the children, with the support; motivation and encouragement from the adults who are around them and also of the educator. That might empower in a positive way the personality of a child, by encouraging them to have interest in exploring new activities, thereby creating conditions for greater "will" in the reality felt, with the purpose to obtain better answers from the children when challenges are faced to them everyday.

To conclude, it is presented a set of exercises that the educator and Parents could take to encourage child's to develop their artistic side and observe the objects that surround it, being more aware of the world that surrounds them.

Keywords: Child Drawing; Artistic Education; Scribbling; Graphical Development; Education

➤ Índice geral:

- Índice de figuras

- Índice de tabelas

- Lista de abreviaturas/Siglas

- Índice de Anexos

- 1- Introdução
- 2- Arte Infantil
 - 2.1 – O papel do desenho no desenvolvimento geral da criança até aos 3 anos
 - 2.2 - Desenvolvimento Motor fino
 - 2.3 - Desenvolvimento Motor grosso
- 3 – A Fase das Garatuhas
 - 3.1 – Garatuhas e a sua importância
 - 3.1.1 – Luquet
 - 3.1.2 – Piaget
 - 3.1.3 - Lowenfeld e Brittain
 - 3.2- Características de Fase das Garatuhas
 - 3.2.1 - Garatuha Descontrolada
 - 3.2.2 – Garatuha Controlada
 - 3.2.3 – Atribuição de nomes às Garatuhas
 - 3.3 – Cor e Espontaneidade
 - 3.4 – A Realidade no Jardim de Infância
 - 3.5 – O modo de Desenho Infantil
 - 3.6 – Como as crianças desenhavam
 - 3.7 – Atividades fundamentadas
 - 3.8 – Desenho interação outra área
- 4 – Metodologia de Investigação
 - 4.1 - Problemática do caso – importância do tema
 - 4.2 – Paradigma
 - 4.3 – Design do estudo

4.4 – Participantes / Amostra

4.5 – Instrumentos de recolha de dados

5 – Comportamento do Educador (a)

5.1 – Questionário ao Educador(a)

5.2 – Realidade apresentada (análise de dados)

6 – Reflexão Final

7 – Referências Bibliográficas

Anexos

Índice de Figuras

Figura 1 – Garatuja Descontrolada.....	15
Figura 2 – Garatuja Controlada.....	16
Figura 3 – Atribuição de Nomes às Garatujas.....	17
Figura 4 – Exemplo de uma primeira Garatuja.....	24
Figura 5 – A Criança e a Garatuja.....	25
Figura 6 – Desenho Livre.....	27
Figura 7 – Pinturas.....	28
Figura 8 – Digitinta.....	29
Figura 9 – Digitinta.....	29
Figura 10 – Lápis de cera + Tinta da china.....	30
Figura 11 – Lápis de cera + Tinta da china.....	30

Índice de Anexos

Anexo 1 –

Etapas de desenvolvimento segundo Luquet, Marthe Berson, Piaget, Lowenfeld

Tabela Nº 1 – Estágios de Luquet

Tabela Nº 2 - Estágios do Rabisco de Marthe Berson

Tabela Nº 3 – Análise Piagetiana

Tabela Nº 4 - Fases do Desenho segundo Lowenfeld

Anexo 2 –

Entrevista ao Educador (a) – Arte Infantil – Questionário

Anexos 3 -

Respostas das entrevistas aos (as) Educadores (as) – Arte Infantil – Questionário

Lista de abreviaturas/Siglas

- PCN : Parâmetros curriculares Nacionais
- S.C.M.L: Sana Casa da Misericórdia de Lisboa
- N.E.E: Necessidades Educativas Especiais
- C.P.M.C: Centro Paroquial Moreira de Cónegos

1. Introdução

Este trabalho é de caráter teórico e investigativo, tendo uma abordagem qualitativa, com a intenção de analisar e investigar a realidade do grafismo infantil na fase das Garatujas. Pretendemos abordar neste relatório também a questão de como o desenho infantil influencia o desenvolvimento da criança na mesma fase.

Segundo Correia. V, (2012), pág. 4, que cita Salvador. A, (1999), refere nos seus estudos que “O Desenho pode, em distintas situações, tornar-se na indicação, no “espelho” do estado de espírito da criança, porque traduz o que sente, pensa, deseja, o que a deixa inquieta, alegre ou triste”. É por isso que, através do Desenho, considerado uma forma de comunicação e de expressão pessoal perante o Mundo, a criança consegue exteriorizar de forma liberal e espontânea, a maneira de como ela vê as coisas e as pessoas ao seu redor.

Contudo, o Desenho propicia um desenvolvimento intrínseco, ao oferecer à criança a oportunidade de abordar a realidade, desenvolvendo processos de pensamento, trazendo benefícios à sua evolução enquanto aluno/a e pessoa inserida numa sociedade. Segundo Vygotsky. L, (s.d), para. 12, que se apoia em Piaget. J, (1924), afirma que “reporta todas as outras características que descobriu, o realismo intelectual, o sincretismo e a dificuldade de compreender as relações, a este traço nuclear e descreve o egocentrismo como ocupando uma posição intermédia, genética, estrutural e funcionalmente, entre o pensamento autístico e o pensamento orientado”.

Uma das preocupações a ter em conta é a importância dada à forma como são utilizadas as expressões gráficas realizadas pelas crianças, apresentadas pelos Educadores. Com isto referimo-nos, a uma utilização positiva e adequada dos instrumentos utilizados e de como são expostos às crianças, sendo motivadas e incentivadas para uma compreensão e um maior desenvolvimento dos próprios instintos, dando a entender que também têm uma voz ativa.

Esta importância é vista como um ponto fulcral neste tema, pois cada atividade é única. Havendo sempre atividades positivas, que lhes poderá trazer boas lembranças, tendo a oportunidade de expressão única.

Assim sendo, poderá ser uma porta que se abrirá a outros novos projetos, que ajudarão a existir um maior desenvolvimento a todos os níveis. No entanto, queremos ainda sublinhar que no caso, das crianças, que tiveram ações e lembranças não tão positivas, podem se fechar para este meio espontâneo, levando a isolar-se mais, perante as pessoas que estão ao seu redor e mesmo com o Mundo.

Um dos grandes aspetos que devem ser valorizados no tema do Desenho Infantil, é a utilização deste meio, como um método de reunir mais informações acerca do mesmo e daquilo que ele pode oferecer. Sendo assim, uma maneira mais eficaz de analisar os sentimentos transmitidos pelas crianças.

A avaliação do grafismo também é relevante. Conseguimos entender melhor as capacidades dos intervenientes, como por exemplo, a existência de traços repetidos com um maior controle no manuseamento, as cores que são utilizadas e os temas abordados. A partir dessa avaliação, o adulto consegue analisar o que é que se passa com a criança, se algo a está a incomodar, refletindo assim comportamentos atípicos.

Visto que é uma informação global e preciosa, pode ser um ponto de partida para que haja a existência de uma motivação por parte da criança, de modo a que esta esteja bem com o mundo e com as pessoas que lhe são mais chegadas.

Segundo Correia. V, (2012), pág. 11, que cita Vygotsky. L, (1988), explica que através

“da atitude da criança que desenha, uma vez que esta representa conteúdos da sua memória, e salienta o papel da fala nesse processo considerando que a linguagem verbal é a base da linguagem gráfica do desenho por a criança conseguir nomear o que vai desenhar, e mais tarde, designar o que representou”

Sendo assim, um representativo de excelência para demonstrar que o Desenho vai muito mais além do que uns simples rabiscos, dando um forte impulso para a futura aprendizagem.

Concluindo também com o mesmo autor (pág. 12) que ainda reforça as palavras de Lowenfeld. V, (1977) defende “que o Desenho é importante para o desenvolvimento da criança, pois através do Desenho a criança desenvolve a capacidade de se expressar, de representar o que sente ou vê e ao mesmo tempo desenvolve igualmente a sua criatividade”, abrindo-se para o mundo, explorando os objetos ao seu redor, apresentando o seu eu perante todos.

2. Arte Infantil

A arte constitui uma atividade completa na vida das crianças. Desenhar, pintar ou construir são processos relevantes. Implica reunir diversos elementos que serão desenvolvidos com particularidades por cada participante.

Outro aspecto que também achamos importante, é o fato de a prática do grafismo auxiliar no desenvolvimento da escrita. Realçamos então Vieira. L, (2007), pág. 9, através dos estudos de Meredieu. F, (2006) quando diz que o desenvolvimento do Desenho amplia com a continuidade do desenvolvimento da linguagem e escrita, à medida que a mesma evolui na sua escrita, também evolui o seu Desenho, transmitindo o seu pensamento com mais clareza (ibidem (2006) pág. 18). Podemos verificar isso quando a criança imita a escrita do adulto.

O mesmo autor, (2006), pág.6, declara também que os infantes com 3 ou 4 anos sentem uma enorme satisfação no manuseamento das cores que são projetadas no papel, sem se preocuparem com a técnica, o que importa para a criança, é o gesto e também o traço e o que é projetado no Desenho através da maneira de ser da criança. Assim sendo, é complicado separar o Desenho das experiências vividas.

2.1 O papel do desenho no desenvolvimento geral da criança até aos 3 anos

O Desenho pode ser utilizado de várias formas para o desenvolvimento cognitivo, de como chegar a outras conclusões e a auto-afirmação. Ou seja, à medida que o ser humano se envolve com o grafismo, ele interioriza mais os seus gostos e suas vontades, conseguindo assim se conhecer melhor. Conhecendo-se a si mesmo é mais fácil conhecer os outros e deixar-se conhecer.

É assim uma forma de comunicação com os outros e uma forma de expressar os pensamentos e sentimentos próprios.

Por outro lado, também nos leva a uma questão, será que o desenvolvimento do Desenho também levará ao desenvolvimento pessoal e social da criança?

A evolução no Desenho permite à criança, vivenciar e apreciar, diversificadamente, outras formas de expressão.

Portanto, retira disso uma maior aprendizagem, fazendo com que seja uma mais valia para ela, pois saberá identificar-se no que é bom e no que é menos bom a executar. Desse ponto, terá mais percepção das suas qualidades e irá tirar vantagem sobre elas, fazendo melhores escolhas ao longo da vida e trilhar por caminhos que lhe deem mais prazer de executar.

Constatamos que este perfil de comportamento se identifica numa das etapas que segundo o autor Gomes. L, & Chakur. C, (s.d) para. 15, que reforça a ideia de que Luquet (1979) identificou o Realismo Falhado. O investigador, diz-nos que o infante efetua as suas representações, excluindo ou ampliando fragmentos do objeto que vê, consoante a importância representada.

No pré-escolar, desenvolve-se na criança a maneira de estar ativa e de estar passiva, ou seja, incentiva-se o contacto com o real e com o meio, sendo o toque, a visão e a manipulação, ingredientes predominantes neste crescimento estando inerente à evolução a nível cognitivo. Neste período, a compreensão do tempo é mínima, ou seja, não existe um pensamento claro da existência de um passado e de um futuro, centrando-se apenas no presente.

Para explorar e descobrir muitos recursos que o ambiente inerente possa oferecer, a criança irá analisar tudo aquilo que poderá tocar. Este exercício será feito através da visão mas não só, também utilizará as mãos, em que irá agarrar tudo o que se encontra à sua volta e sempre que possível.

Já com 3 anos, consegue escolher um objeto no meio de outros objetos. Também já distingue o quadrado no meio de outras formas geométricas, se bem que, só consegue representá-lo graficamente um ano depois, ou seja, aos 4 anos.

No momento em que a criança visualiza figuras/objetos que reconhece, fica inquieta, pois quer demonstrar que as conhece, por exemplo, apontando para as figuras/objetos.

Mas há que ter em atenção, este tipo de conhecimento da criança pode ser só porque reconhece a figura/objeto ou porque a identifica e sabe o que realmente ela representa.

Pascoal. M, (2004), remonta-nos para várias áreas que o Desenho pode desenvolver. No domínio da matemática: são exploradas as noções espacio-temporais; no domínio do conhecimento do Mundo: o desenho é apresentado como a criança vê o que lhe rodeia; no domínio da dramatização: ajuda a criar histórias e depois poder representá-las; no domínio musical: é exteriorizado o que entende por uma música familiar ou uma que tenha gostado; no domínio da expressão motora: é desenvolvida a motricidade fina e por fim no domínio da linguagem oral e escrita: é o desenvolvimento das letras e dos números.

Assim podemos perceber que o Desenho não é uma mera atividade de ocupar tempo ou de entreter as crianças, mas sim uma atividade com conteúdo e rica, aliada ao lúdico e à liberdade espontânea.

O Desenho tem como conteúdo um “mundo” de símbolos, em que tudo tem um significado e o infante com a continuidade da exploração artística, irá entender que um objeto poderá simbolizar outra coisa, mas que essas duas coisas podem simbolizar o mesmo, como por exemplo, os *smilie's*, existem um com uma boca para cima, que significa a alegria e outro com a boca para baixo, que significa a tristeza. Quando o pequeno humano entende o significado dos símbolos, ele irá associar uma imagem a um sentimento sem precisar de pensar o que será que está ali representado e tem em mente o que quer transmitir.

Segundo o autor Pedagogia ao Pé da Letra, (2013), para. 26 – 41 o Currículo da Educação Infantil, afirma que o Desenho livre pretende a liberdade de criação, lançando o desenvolvimento cognitivo infantil em três pontos importantes o psicomotor, afetivo e estético, permitindo existir uma maior abordagem de experiências para a criança viver e explorar.

É aos 3 anos que se esclarece a lateralização, ao pintar e ao desenhar predominante com uma das mãos (a direita ou a esquerda). À medida que a mão obtém o controle dos movimentos, o gesto torna-se mais lento e mais dominado.

Do embaraçado de linhas curvas e espiraladas, que vieram da fase anterior, agora surge uma forma arredondada ou esticada e é esta a primeira forma esquemática que irá integrar o vocabulário figurativo, apresentando conceitos simbólicos ou abstratos, que não serão fáceis de identificar por um adulto, mas a interpretação cabe à criança identificá-la sem existirem pressões por parte dos adultos.

Podemos então dizer que o Desenho infantil é essencialmente ideográfico, ou seja, a representação de ideias é feita através de imagens ou símbolos. Esta representação, indica-nos a verdade sobre o que o infante sabe e qual é a ideia que o mesmo faz das coisas que vai realizando ou vendo no seu dia-a-dia.

2.2 Desenvolvimento Motor fino

O desenvolvimento motor da criança é muito importante, sendo que será um instrumento fundamental para o seu crescimento e aprendizagens. Para isso é necessário existirem condições, que devem ser pensadas antecipadamente pelos adultos que se relacionam com os mais pequenos. Segundo Borges. C, (2014), pág. 5, as “ocasiões de exercício da motricidade global e também fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu corpo”. (referir-se às Orientações Curriculares, 1997).

Para que sejam possíveis estas aprendizagens, como respostas educativas a termos a criação de espaços mais amplos e com múltiplos materiais que possam ser explorados. Dando assim resposta ao desejo da criança se movimentar livremente para que possa sentir e utilizar o seu corpo.

Estas atividades são importantes, pois como o autor, (2014), pág. 13, afirma “a exploração de diferentes formas de movimento permite ainda tomar consciência dos diferentes segmentos do corpo, das suas possibilidades e limitações, facilitando a

progressiva interiorização do esquema corporal e também a tomada de consciência do corpo em relação ao exterior”.

Temos de lembrar, que todas estas atividades são trabalhadas no pré-escolar influenciando o aperfeiçoamento na manipulação de objetos, o que irá proporcionar um bem-estar.

A prática do Desenho no pré-escolar introduz uma atividade muito representativa. O manuseamento do lápis que dará início à escrita. E como poderá o grafismo infantil influenciar e desenvolver o processo de escrita? Com atividades de pintura e de Desenho livre, (com canetas ou lápis), em que será desenvolvida a técnica de segurar o lápis. Inicialmente a criança irá segurar o lápis com toda a mão e com o passar do tempo, chegará a agarrar o lápis de modo pinça. Segundo o autor Borges. C, (2014), pág. 15, que cita Papalaia, Olds & Feldman, (2009), “à medida que desenvolve habilidades motoras, as crianças em idade pré-escolar mesclam continuamente as habilidades que já possuem com aquelas que estão adquirindo para produzir capacidades mais complexas”.

2.3 Desenvolvimento Motor grosso

Se o desenvolvimento motor fino, compreende uma aprendizagem do particular, como por exemplo, aprender a segurar um lápis. O desenvolvimento motor grosso, abrange um nível geral de aprendizagem da criança, como por exemplo, a mudança que existe em termos físicos, psico-sociais ou cognitivos.

Estes níveis têm uma ação muito importante para o crescimento de uma criança, uma vez que se interligam e auxiliam o desenvolvimento que irá ter influência em todos os ciclos da sua vida.

No âmbito motor, o movimento é significativo, ao permitir-lhe interagir com o Mundo, interação esta que lhe permitirá “se expressar e fazer novas descobertas que irão contribuir para o seu desenvolvimento integral” (Segundo Santos. A, & Santos. A, (2012), pág. 10, que citam Tani. G, et al, (1988)).

Esta interação será favorável se todas as etapas forem bem sucedidas, visto que, um desenvolvimento motor adequado nos primeiros anos de vida, irá permitir à criança desempenhar as mais distintas atividades físicas, tendo como resultado auto-confiança, sucesso e uma boa aprendizagem.

De acordo com Rodrigues. N, (2011), pág. 10 – 11, sobre a competência cognitiva, remete que “é através dos processos cognitivos que conseguimos resolver problemas cotidianos, adquirir, lembrar e usar novos conhecimentos, entre outras habilidades”. Completando assim, dúvidas de como a mente poderá organizar atividades a serem realizadas num determinado ambiente.

Concedendo assim à criança, a possibilidade de ser um agente ativo na organização do seu conhecimento, inquirindo e analisando, para assim adquirir a compreensão da sua atividade e ser capaz de se adaptar ao contexto em que se encontra.

No campo psico-social, trata-se da elaboração da personalidade da criança e das relações sociais que estabelece. De igual forma, acontece com crianças ainda muito pequenas. A influência sentida nesta etapa remete-nos a influências hereditárias e contextuais. Ou seja, o fator principal é o ambiente que se vive em torno da criança.

Como por exemplo, se a mesma, passar muito tempo em casa, ela irá dar mais valor às opiniões que são faladas em casa, do que noutra sítio que frequente. Mas “com o ingresso na escola, a família passa a ter menor influência e o grupo de amigos passa a ter maior poder persuasivo sobre a criança. Ocorre também a diminuição do pensamento egocêntrico e a criança passa a colocar-se no lugar do outro”, (Rodrigues. N, (2011), pág. 11, que refere Payne, V. G. & Isaacs, L. D. (2002)).

3 – A Fase das Garatujas

No momento em que a criança começa a realizar rabiscos, ela tenta representar aquilo que vê. De forma livre e espontânea, sendo a sua representação, aos olhos dos adultos, imperceptível.

Todavia é um ótimo meio de exploração a nível da sua criatividade e de expressão emocional. Estes rabiscos participam ativamente no desenvolvimento da criança. Ajudam a ampliar a sua motricidade, a iniciar a escrita, a entender o mundo que está à nossa volta, ganhando confiança em si própria e auxiliando na formação da sua personalidade.

Assim, todas as experiências sensoriais que o infante possa disfrutar, como o tocar, cheirar, ver, manipular, etc., auxilia a entender como é o meio e como pode interagir com ele. Portanto, é criada uma base essencial para a produção artística.

Assim sendo, os primeiros anos de vida do pequeno, são certamente a fase principal do seu desenvolvimento. Em que irá determinar padrões de desenvolvimento, atitudes e um sentido de si em conjunto com o Mundo exterior.

3.1 Garatujas e a sua importância

Correia. V, (2012), pág. 12, que se apoia em Read. H, (1977), chama a atenção para a “evidência, que o desenvolvimento do pensamento advém das imagens visuais, ou seja, a criança desenvolve o seu pensamento através das imagens que vê”.

Quando o aluno/a começa a expressar (através do Desenho), objetos que vê à sua volta, ela não entende o que realmente são, ou seja, ele/a identifica o objeto, mas não sabe o que faz. Só com uma continuidade interativa com o mesmo é que as suas estruturas mentais começam a ter uma representação real do objeto.

O seu resultado será fruto daquilo que vê e de como interpreta e também da sua imagem interior, ou seja, revela-nos o seu interior no momento em que desenha.

A simples realização de um Desenho, estimula a sensibilidade que existe em cada um de nós, ou seja, desenvolve os nossos vários sentidos nomeadamente a visão e tato. Aqueles rabiscos que vemos nos primeiros e confusos desenhos, são resultado do estado de desenvolvimento dos formandos e do simples prazer de desenhar.

Com a continuidade a criança irá aperfeiçoar a sua técnica e dos repetidos rabiscos, sairão formas mais claras daquilo que ela quer representar. Desse modo, segundo Correia. V, (2012), pág. 12, que refere Lowenfeld. V, (1977), identifica que “através do desenho, a criança desenvolve a capacidade de se expressar, de representar o que sente ou vê e ao mesmo tempo desenvolve igualmente a sua criatividade”. O pensamento também irá evoluir e por sua vez a transformação dos seus traços e formas que se aproximarão a imagens do real, em conjunto com o seu nível de desenvolvimento mental.

3.1.1 Luquet

A criança pode desenhar formas, mas essas formas não tem qualquer relação com o objeto, porque o que será desenhado, será a visualização do objeto e da sua interpretação, podendo não representar efetivamente a realidade. Para nos ajudar a entender melhor a relação desenho – objeto – e a sua realidade, Luquet desenvolveu 4 fases que são caracterizadas pela realidade do desenho, apresentado no estudo sobre as Etapas Gráficas (1927).

1ª fase – Realismo Fortuito, 2ª fase – Realismo Falhado, 3ª fase – Realismo Intelectual e 4ª fase – Realismo Visual. No entanto, só iremos falar sobre a 1ª e 2ª fase, pois são as que incidem no grupo etário de crianças que utilizamos para o levantamento executado neste trabalho.

1ª fase - Apresenta-se por volta dos dois anos de idade, em que se inicia a interpretação da criança pelos seus desenhos, motivando-a a torná-los mais parecidos com a realidade observada. Aqui assume a identidade do objeto, identificando-o no seu próprio desenho, apesar disso, não irá ser um ato que repetirá sucessivamente.

2ª fase – entre os 3, 4 anos identifica ou dá identidade à forma-objeto, assim sendo, quando a criança interage com o papel e o lápis, ela já tem em mente o que quer desenhar, pois já tem mais facilidade em reconhecer as formas dos objetos e assim saberá escolher o que irá desenhar. Irá exagerar certas proporções, que de certa forma é seu inconsciente que dá mais importância a essa parte do desenho.

3.1.2 Piaget

Similarmente, Alexandroff. M, (2010), para. 41, que se apoia em Piaget. J, (1969) e que se interessou pela forma e interpretação das crianças pelos seus desenhos e encontrou semelhanças entre as fases de Luquet em relação à realidade do desenho com os seus períodos de desenvolvimento. Piaget estruturou assim por cinco fases, 1ª fase – Garatujas; 2ª – fase Pré-Esquemática; 3ª fase – Esquemática; 4ª fase – Realismo ou Realismo Nascente e 5ª fase – Pseudonaturalismo. Apresentamos só uma fase, sendo a que retrata a faixa etária representada neste trabalho.

1ª fase – Garatujas, (fazem parte do estágio Sensório-motor (dos 0 aos 2 anos) e do estágio pré-operacional (dos 2 aos 4 anos)). Nesta fase, a criança apresenta um enorme prazer em fazer rabiscos desordenados, que são elaborados ao acaso e que mais tarde se irão tornar mais coordenados. Contudo, só a partir dos 4 anos de idade é que irá ser perceptível objetos representados nos desenhos.

Assim podemos constatar que, é na primeira fase de Piaget que se encontra a primeira infância, sendo designada como o estágio sensório motor, em que a criança está apta para executar os seus primeiros gestos pictóricos e conseqüentemente irá progredir para os seus primeiros rabiscos, depois para as suas primeiras garatujas e seguidamente para composições mais complexas.

De acordo com Claudio. S, (s.d), pág. 4 – 5, que refere Piaget (1982) & Pillar (2012), assegura que é na fase pré-operatória, (compreendida entre os 2 a 7 anos) que existe a função semiótica que se inicia, ou seja, é a faculdade que permite à criança interpretar pela forma do grafismo, deixando um pouco de lado a sua visão e começando a usar a mente, interagindo assim com o mundo que a rodeia.

3.1.3 Lowenfeld & Brittain

No entanto achamos importante referir a colaboração de Lowenfeld & Brittain (1979), que nos seus estudos reforçaram a ideia que “a arte pode contribuir imensamente para esse desenvolvimento, pois é na interação entre a criança e o seu meio que se inicia a aprendizagem”, Coletto. D, (2010), pág. 141. Com isto podemos interpretar o gosto da mesma pela imitação que faz do adulto, pela sua observação dos gestos e ações que tenta replicar, com o interesse pela ação realizada e não por aquilo que propriamente o adulto está a fazer. Sendo por isso, a família e a escola uma parte significativa, visto que são estas que lhe irão oferecer experiências e assim ela poderá amplificar os seus conhecimentos e ações.

Indo ao encontro do nosso pensamento, segundo já citado anteriormente Coletto. D, (2010), pág. 141, que se apoia em Martins, Psicosque & Guerra (1998), assegura que “arte é a linguagem básica dos pequenos e deve merecer um espaço especial, que incentive a exploração, a pesquisa”, algo que não iremos encontrar nos desenhos já pré-programados e nos exercícios de rapidez.

Outro aspeto também importante a salientar é o estado de pureza que representa a criança, fazendo assim sentido. Segundo Klébis. C, (2015), pág. 1139, que refere Sans. P, (2009), ela tem um sentido de observação forte e nos seus desenhos, muitas vezes, chamam a atenção para detalhes que não são identificados pelos adultos.

3.2 Características de Fase das Garatujas

Os primeiros anos de vida são os mais importantes no desenvolvimento da criança. Podemos dizer que as Expressões colaboram para a evolução do crescimento da mesma, em que a influência do meio ajuda no processo de aprendizagem.

Segundo Bordoni. T, (s.d), para. 2 alega que o

“modo de expressão próprio da criança, o desenho constitui uma língua que possui vocabulário e sua sintaxe. Percebe-se que a criança faz uma relação próxima do desenho e a percepção pelo adulto. Ao prazer do gesto associa-se o prazer da inscrição, a satisfação de deixar a sua marca.”

Apesar da primeira expressão ser a vocal, o primeiro registo que se tem é em forma de garatuja, por volta dos 18 meses de idade. Sendo este enriquecedor para a capacidade de representação, a imagem mental, a linguagem verbal, o domínio do ato motor. Irá, assim, começar a expressão, que levará ao desenho e à pintura e posteriormente à escrita.

A maneira de como estas primeiras garatujas foram acompanhadas pelos adultos, irão ter grande importância no crescimento da criança.

Estas primeiras garatujas são iniciadas como traços desalinhados no papel, mas pouco a pouco, os desenhos mostram uma evolução em que já existe uma essência para os adultos.

Na base de estudos investigados, confirmamos que têm três etapas e são classificadas como: 1ª – garatujas desordenadas; 2ª – garatujas controladas e 3ª – atribuição de nomes às garatujas. De seguida, iremos explicar mais detalhadamente como são caracterizadas estas etapas.

3.2.1 Garatuja Descontrolada – 1,5 anos aos 2 anos de idade

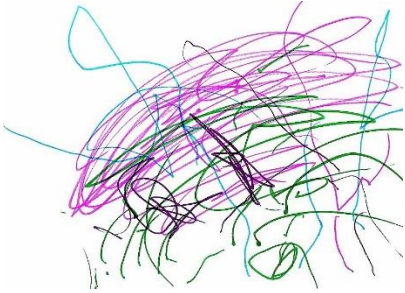


Fig. 1 Garatuja descontrolada

Fonte: Projeto Brincar e Aprender (2015)

São os primeiros traços da criança, em que esta cria rabiscos inconscientemente. Estes traços variam de comprimento e de direção, sendo repetidos várias vezes, pelo movimento que a criança realiza com o braço para trás e para a frente, podendo estar distraída e nem se apercebe que permanece a fazer traços. Lowefeld. V, & Britain. W, (1977), pág. 2, expressam que “são realizados traços sem sentido, que variam em longitude e direção”.

Estes traços, “muitas vezes são repetidos e a criança pode olhar para os outros enquanto continua a desenhar, ou seja, não tem controle visual sobre as garatujas” (Idem, ibidem). Nesta idade a criança ainda não conseguiu evoluir no controlo muscular perfeito, por isso os movimentos mais amplos serão os que vai repetir. Grande parte das garatujas, não são uma tentativa de representação, são sim o desenvolvimento físico e psicológico da criança representado. O modo aleatório em que a criança traça os seus riscos é uma forma de prazer para a mesma.

Nesta etapa, tentar auxiliar a criança a desenhar ou expor algo para ela copiar, é inapropriado, pois é como explicar a um bebé, que apenas balbucia, como se pronuncia corretamente as palavras, tornando assim esta tentativa um fracasso.

Como ainda não se encontra numa fase de desenvolvimento adequado à aprendizagem, pode ser nocivo para a aprendizagem da mesma. Também é significativo expressar interesse pelo que a criança está a desenhar, pois assim ela sente que existe uma comunicação viável.

3.2.2 Garatuja Controlada – dos 2,5 anos aos 3 anos de idade



Fig. 2 Garatuja controlada

Fonte: Laginha. M, (2015)

“Ocorre quando a criança descobre que há uma vinculação entre seus movimentos e os traços que executa no papel” (Lowefeld. V, & Britain. W, (1977), pág.3. Isto ocorre mais ou menos 6 meses após ter começado a realizar garatujas, sendo um passo importante, pois é um indício de que a criança já descobriu o seu controle visual sobre os traços que faz.

Os mesmos autores (1977), pág. 3, exprimem que “a criança descobre o controle visual sobre os traços que faz. Embora os desenhos possam não ser muito diferentes dos anteriores, a experiência de conseguir controlar os movimentos é vital”.

As linhas ainda se repetem e quase sempre são traçadas com grande força. Podemos reparar também, que é raro encontrar pontos ou pequenos modelos repetitivos, significando que a criança teria que levantar o lápis do papel, situação que não acontece. Nesta fase é aplicado mais tempo nos seus desenhos e até poderá começar a utilizar algumas cores, gostando também de ocupar a folha na sua totalidade.

A partir dos 3 anos de idade, a criança já copia círculos mas ainda não copia quadrados, tornando as garatujas mais frequentes e elaboradas, ainda assim o simples movimento do lápis lhe dá prazer.

3.2.3 Atribuição de nomes às Garatujas – dos 3 anos aos 4 anos de idade



Fig. 3 Atribuição de nome às garatujas

Fonte: Educar com novo olhar

Aproximadamente aos 3 anos e meio, a criança já atribui nomes às suas garatujas, sendo capaz de ir ter com a sua mãe ou alguém que lhe é próximo e mostrar o seu desenho e dizer o que está ali. Este período tem um grande significado, pois anuncia uma modificação no pensamento, passando para um pensamento imaginativo.

Para Lowefeld. V, & Britain. W, (1977), pág. 2 “a criança começa a dar nome às suas garatujas, o que é indício de que o pensamento mudou. Mudou de cinestésico para pensamento imaginativo”.

Os Desenhos não se modificam propriamente, o que apresenta de novo é que a criança começa a pensar no que quer fazer diante das coisas que já tenha feito, já desenha com uma intenção. Os mesmos autores (1977), pág. 8, afirmam que “é neste ponto que a criança desenvolve uma base para retenção visual”.

Reparamos também que desenvolve muito a comunicação, através da execução do seu Desenho mas falando em voz alta, como por exemplo: "eu agora vou desenhá um gato". A comunicação que a criança faz com o adulto, sobre o que é a sua garatuja (desenho), não tem um papel muito importante, de dizer a esta ou aquela pessoa, é sim mais uma forma de falar com o seu próprio eu.

No entanto, mesmo estas garatujas já sejam feitas com uma intenção, não existe uma clareza de qual vai ser o resultado final. Só nesta fase é que existe uma demonstração de interesse em utilizar cores, usando as para diferentes significados. Mas mais à frente, iremos abordar com mais pormenor e clareza este tema.

Depois de inúmeras tentativas, os rabiscos vão se formar em letras, tornando-se assim uma ajuda para se entender a diferença entre o desenho e a escrita.

3.3 Cor e Espontaneidade

A criança não se importa em ordenar as cenas que quer representar no papel, ou seja, os seus desenhos são realizados de forma aleatória. Os objetos podem-se apresentar de várias formas e em baixo, em cima ou nos cantos do papel. Isto preocupada com uma representação visual dos objetos. O mesmo acontece com cores. Um cão pode ser azul ou rosa, pois para ela o aspeto visual não é o importante, mas sim o que lhe representa a cor.

No início é a satisfação de realizar traços aleatórios e estabelecer o controlo visual das linhas, só depois estabelecer uma ligação entre essas linhas espontâneas com o mundo exterior. Como resultado, a cor é representada num plano secundário nas garatujas.

Contudo, a cor tem um papel importante no Desenho, a utilização da cor forte é utilizada pela atração do contraste que é evidenciado. Por isso é considerável, antes da introdução das cores, que esta já distinga o que realizou, aumentando o contraste, por exemplo: lápis preto em folhas brancas; giz branco na folha preta; utilizar uma caneta azul numa folha amarela; etc.

O interesse demonstrado pela utilização de cores é sobressaído quando é atingida a fase de atribuição de nome às garatujas. No entanto, num estudo feito por Alschuler e Hattwick (1947), sobre a relação entre as pinturas de 150 alunos com as características de comportamentos, foi assinalado que crianças que usavam sistematicamente as cores quentes apresentavam um livre comportamento emocional, tendo relações calorosas e ternas, já as que usavam mais a cor azul, tendem a ser mais controladas na sua conduta e as que utilizavam o preto manifestavam maior escassez de comportamento emocional.

Em muitos casos a criança emprega a mesma cor nos seus Desenhos, não para demonstrar o seu estado emocional ou para chamar a atenção, mas sim porque é uma cor preferida. Segundo os autores Nascimento. A, Cavalcanti. C, & Araújo. T, (s.d), pág. 9, referem que Meredieu. F, (1974), crê que é “nula a interpretação de um Desenho de uma criança sem que seja levado em consideração o contexto em que foi realizado”, sendo importante o conhecido do meio envolvente da mesma, interpretando melhor a sua expressão.

Para Corcoran. M, (1954), constatou que infantes de três anos utilizam as cores numa ordem sistemática quando pintam em cavalete, assim, as cores são utilizadas da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda, de maneira livre.

Os participantes reparam naturalmente que existe semelhanças entre a cor e o objeto, repetindo assim as cores que identificam para um objeto. Essa contínua repetição é apresentada como orientações no processo intelectual. Assim sendo, elas estabelecem a perícia de classificar, de associar coisas em classes e de elaborar generalizações.

À medida que a criança vai aumentando os seus conhecimentos, ela irá encontrar uma estrutura para o mundo em que vive, determinando relações concretas com o que lhe rodeia. Assim será capaz de identificar a sua relação com a cor, que será descoberta quer pelo seu conceito visual ou emocional, dependendo daquilo que a cor lhe transmite. Podendo assim afirmar, que o primeiro contacto com a cor é muito significativo, podendo definir o seu esquema de cor. Este esquema de cor, só irá se modificar, se a criança estiver pessoalmente envolvida na atividade e essa atividade se tornar mais significativa.

Hermann Rorschach, em (1921), observou que a cor era um elemento atrativo e estimulante, hábil o suficiente para gerar emoções nas crianças/pessoas que as utilizavam. O simbólico significado para cada cor é definido por três etapas: o estatístico; o experimental e o clínico. Teremos que ter em conta a faixa etária em que a criança se encontra, pois só gradualmente é que será possível diferenciar as cores, como por exemplo, o castanho para o tronco da árvore e o verde para as folhas. Lowenfeld. V, (1970), pág. 6 alega, que “somente quando a criança ingressa na etapa de atribuir nomes às garatujas é que manifesta o desejo de usar cores diversas para diferentes significados”.

Sendo assim, a evolução permite a distinção entre cores. Para proceder a este processo, não teremos que esperar que a criança nomeie as cores, mas sim, dar a oportunidade de poder fazer, em forma espontânea a seleção de cor.

3.4 - A realidade no Jardim de Infância

“O Desenho é uma forma de expressão plástica que não pode ser banalizada servindo apenas para ocupar o tempo”, segundo Borges. C, (2013), pág. 61, que cita Orientações Curriculares (1997), sendo uma atividade deveras importante estimular o desenho livre, que ao desenvolver muitos aspetos da criança, como as várias inteligências; a motricidade e o sentido estético.

Esta é uma das atividades expressivas, que permite que a criança consiga se comunicar com o mundo exterior, dando indicações do que está a sentir e a pensar e por vezes é um ótimo exercício para a resolução de conflitos interiores que possa ter, abrindo assim horizontes extraídos a partir da sua criatividade. “Devemos ter presente que a criação gráfica não tem de ser genial para ser útil e que com ela não pretendemos conseguir artistas, mas indivíduos mais expressivos, comunicativos, livres e são”, (Pascoal. M, (2004), pág. 18). Assim é da prática do Educador, potencializar o contentamento da criança ao realizar o seu desenho e não reduzir-se só à expressão “que bonito desenho”, pois poderá desencadear um sentimento de repreensão ou repressão na mesma, por não desenvolver o comentário – falta de demonstração de interesse do adulto. Porém, existe um pequeno detalhe que poderá mudar este cenário, basta pedir à criança para contar a história do seu desenho, sendo assim possível compreender o que esta nos quis transmitir.

Este sentimento de repressão poderá falta de demonstração de interesse por parte do adulto pelo desenho da criança, acentuar-se por várias perguntas comuns que podem interferir na espontaneidade, como por exemplo «o que é que vais pintar?»; «o que é que pintas-te?» ou «o que é que representa o teu desenho?». Pois pressupõem a criança de se ter uma idealização ou uma temática que aparece mesmo antes de começar a pintar. “Este hábito” poderá vir de outras disciplinas escolares, onde o tema é antecipadamente escolhido e determinado.

Esta capacidade de conseguir compreender o que a criança nos quer transmitir é muito prestigiada, permitindo até detetar possíveis problemas que esta possa estar a passar e que atormentam o desenvolvimento da mesma. A tarefa do Educador é de encontrar uma solução de forma positiva. Isto poderá ser possível através da comunicação que existe a partir dos desenhos realizados.

Um dos pontos que é bastante discutido, é a forma como os Educadores tratam esta atividade com as crianças, ou seja, a liberdade que permite a espontaneidade e criatividade, pois, por vezes, “os crescidos” orientam e encaminham os mais pequenos a copiarem, atitude que não deferiam ter.

Segundo Barbosa. M, (2013), pág. 25, que se apoia em Salvador. A, (1998), “a capacidade para a criação e a imaginação estão em potência na criança” e ao ter esta atitude, estão a minimizar a própria criança. Se a criança se limita a copiar, execute apenas o que a mandam fazer, não podendo dar uma resposta individual a um problema de aprendizagem.

Por vezes a utilização da expressão plástica é uma prova de fogo para os Educadores, sendo facilitador se cohererem bastante bem o grupo com quem estão a trabalhar, adequando assim as atividades ao grupo. É essencial existir esta ligação emocional para que seja possível a existência de uma evolução, conciliando assim a liberdade criadora com a expressão orientada, não deixando dúvidas entre elas.

Como afirma Salvador. A, pág. 19, “hoje, mais do que nunca, a sociedade precisa de indivíduos criativos, que sejam capazes de utilizar a liberdade, e para isso temos de promover o desenvolvimento da capacidade criadora na infância”.

Para além da liberdade de expressão, da boa perceção de quais as atividades a apresentar para o grupo trabalhar, é fundamental também o Educador ter em conta a sua postura perante as crianças. Assim sendo, deverá apresentar um comportamento firme mas ao mesmo tempo ser afetuoso, uma vez que assim existirá um clima ativo que incentiva a expressão, não sendo necessário utilizar meios secundários para estimular a produção.

Uma das coisas que o Educador deve fazer, na apresentação da atividade é expô-la de forma apelativa para a criança, de forma, a sentir que este se sinta incentivado, com

a mesma e não a realizá-la de forma automática para que esta possa ser significativa para o aluno.

Também afirmamos que o papel do Educador é de expor ao grupo novas aprendizagens, atividades com as anteriores, de forma a alguns progredir nesta faixa etária a estas experiências devem ser lúdicas, tal como Coletto, D. (2010), pág. 47 e 48, referindo-se a Parâmetros curriculares Nacionais, (1997), afirma que “aprender com sentido e prazer está associado à compreensão mais clara daquilo que é ensinado”.

Para esse fim, o Educador poderá levar para a sala de aula materiais diferentes, encorajando novos projetos que apareçam, devendo inquirir sempre sobre qual o significado daquilo que foi realizado e procurar soluções para possíveis problemas que possam aparecer, tentando recolher o máximo de respostas diferentes e, assim, permitindo trabalhar o potencial de cada criança.

Queremos chamar a atenção, também, para a importância que é dada aos trabalhos dos alunos. É comum observar que o interesse na atividade é o seu resultado final, mas se os Educadores considerassem e admirassem o processo, seria este um grande incentivo para a criança criar, explorando cada vez mais, como por exemplo as cores, os gestos, as texturas, levando ao exercício da estimulação e da imaginação.

De acordo com o mesmo estudo, o autor (pág.146 – 147) apoiando-se em Martins, Psicosque & Guerra (1998), sustenta que “é exercitando esse pensar imaginativo que podemos encontrar soluções inovadoras e ousadas, seja no campo da ciência, seja no da arte”.

Um dos estímulos para que a criança desenvolva a capacidade de se expressar e de criar, é apostar na utilização de formas inovadoras de apresentar a arte às crianças. Para isso, o Educador poderá expor a criança às mais variadas linguagens artísticas (dança, música, teatro, por exemplo...).

3.5 – O modo de Desenho Infantil

Existem vários fatores que têm influência no desenvolvimento da criança. O Desenho é uma delas, uma das vertentes que apela à criatividade. Permitindo, o Grafismo Infantil uma forma de demonstrar os seus pensamentos e sentimentos. Nos adultos também existe essas mesmas concepções só que em termos mais técnicos e aperfeiçoados. Quando as crianças se encontram no seu mundo de faz-de-conta, elas sentem que controlam toda a atividade que será desenrolada na história que é passada para o papel. De acordo com Correia. V, (2012), pág. 15, que se refere a Cobo. C, (1982) compreendemos que “nos momentos mais difíceis da sua vida, a criança evade-se para um mundo imaginário em que ninguém a impedirá de realizar os seus desenhos”.

Desenvolve, assim, a capacidade de imaginar e fantasiar. No fundo o Desenho, a linguagem, a escrita são formas de abstração, que independentemente dos códigos estabelecidos permitem atingir o nível poético. A criança, atinge esses códigos e contrariamente usa livremente a linguagem abstrata do desenho, do gesto, do corpo, da fala, para comunicar.

Uma das diferenças, como realça, o mesmo autor (pág. 18) ao apoiar-se em Alexandroff. M, (2010) é que “a criança desenha o que lhe interessa e o que sabe a respeito de um objeto” e o que esse objeto lhe dá não é apenas o seu aspeto ou configuração visual, pois a sua relação com o mundo é muito mais sinestésica (envolvendo todos os sentidos) do que apenas visual.

Como educadores teremos que ter em especial atenção, a eventualidade do infante querer apenas desenhar por imitação e, como tal não desenvolver as suas ideias, mas sim as dos outros. Conforme o mesmo autor, (pág. 17) que se apoia em Vygotsky. L, (1989) “em primeiro lugar é o domínio do ato motor, ou seja, o desenho numa fase inicial é o registo do gesto, passando posteriormente a ser o da linguagem”.

Também Pascoal. M, (2004, nº 71), pág. 15, declara “para quase todas as crianças, o Desenho é um ato espontâneo, ninguém as convida a fazê-lo”, conseqüentemente, o Desenho é visto como uma chance de partilhar ideias e de desenvolver atitudes, sobre elas próprias e dos outros, tornando-se assim uma auto-identificação. É um bom processo de auto-conhecimento, pois não vivemos isolados um meio de representação pessoal do

mundo, mas é também uma forma de “descarregar tensões” e de descontrair, assumindo um papel terapêutico, em que permite ajudar em situações difíceis onde é possível encontrar soluções.

O desenho, para um artista é algo de foro íntimo pois é nele que deposita tudo o que está a vivenciar e o que quer transmitir, expressando nele, sentimentos que são seus e de mais ninguém, não retira tais sentimentos e experiências de outras pessoas ou de outros lugares.

O investigador Pascoal. M, (2004, nº 71), pág. 16, referindo Luquet. G, chegou à conclusão que “todas as crianças passam pelas mesmas etapas da evolução dos seus desenhos”, todavia, em cada etapa, o desenho manifestando algum elemento próprio que irá ser diferente para cada um que o rabisca, portanto podemos assim dizer que não existem duas crianças que expressam, exatamente a mesma evolução.



Fig. 4 Exemplo de uma primeira Garatuja

Fonte: Leinat. A, P, (2013)

O prazer em realizar a garatuja, está ligado ao poder de criar. Neste período, não existe qualquer significado das suas representações, unicamente quer ocupar o espaço branco da folha. A evolução do desenho infantil assenta no desenvolvimento da sensibilidade e capacidades, como a destreza ou habilidade manual, aliada à capacidade de observação ou apreensão – não apenas visual do mundo.

Em conformidade com Coletto. D, (2010), pág. 140 – 141, referindo-se a Kellogg. R, (1987), centra-se no início do Desenho da figura humana. A autora explica que os rabiscos elaborados na primeira infância (por volta dos 2 anos), tornam-se diagramas e com o passar do tempo formam-se e agregam-se a outros diagramas, produzindo uma construção gráfica cada vez mais complexa, em que irá chegar à figura humana.

Esta produção passa por vários momentos, inicialmente começa com os rabiscos, seguindo-se pelo prazer motor de elaborar traços, mas também pelo gosto em imitar aquilo que o adulto traça.

No mesmo estudo, o autor declara que a sobreposição de traços irá trazer à criança uma maior clareza das formas apresentadas, conseguindo realizar com mais compreensão, para si e para os outros, o que está representado. Rhoda Kellog chamou de “padrões de localização”. Seguindo esses padrões, a criança irá alcançar formas geométricas mais simples, como o quadrado ou o círculo. A essas formas geométricas cada vez mais, irá juntar mais formas, criando assim diagramas cada vez mais complexos.

A esses diagramas cada vez mais complexos, a criança, irá chegar a “mandalas” e sóis, que são constituídos por várias linhas e círculos que servirão de suporte para o início da representação humana.

Com efeito, é discutido que o desenvolvimento do Desenho infantil está estruturado por etapas naturais e que apenas devem ser estimuladas. Assim, à medida que esta visão prospera, a criança experimenta e organiza de novo os seus traços, sendo possível dizer que a cada etapa conquistada virá sempre outra para ser completada.

Na criação das garatujas, simplesmente surgem riscos por todas as direções possíveis. Estes rabiscos são o início da sua expressão gráfica que os conduzirá à produção de escrita, tendo a criança que passar por inúmeras vivências na Educação Infantil, a nível de expressão plástica, senão, terá muitas dificuldades na aquisição da escrita. Consequentemente, se houver desde muito cedo, um contacto com o mundo do letrado e da alfabetização, esse letrado irá se tornar menos complicado. Por outras palavras, “a aquisição da língua escrita percorre por estágios ou níveis de desenvolvimento”, consoante o autor Marques. E, A, (2010), para. 1, que refere Ferreira. E, (1999).

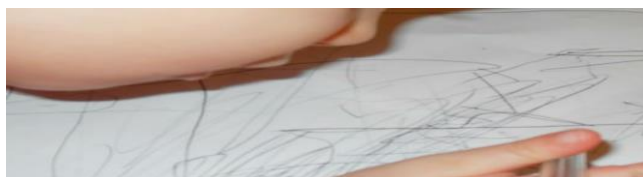


Fig. 5 A criança e a Garatuja

Fonte: Teixeira. S, (s.d)

3.6 - Como as crianças desenhavam

Como já foi referido anteriormente, a atividade do desenho é muito significativa para o crescimento de uma criança. E quanto mais livre for essa atividade, até aos 12 anos de idade melhor será, podendo ser totalmente explorada, abrindo assim portas para outras “realidades”, que não a “visível”. Quando falamos da de dar liberdade, falamos sobre não impor conceitos de realização do Desenho, ou seja, da maneira “como desenhar”, “o que desenhar” e “com o quê desenhar”. A disciplina e as regras devem apenas preocupar-se com a convivência social. Por exemplo, se tivermos um grupo de quatro crianças, com tintas, pincéis, folhas brancas, elas irão começar a brincar e poderão começar a pintar-se umas às outras.

As crianças com 18 meses iniciam a sua atividade gráfica, começam a riscar em tudo o que encontram, seja lápis, giz, carvão, caneta de feltro, esferográfica, em qualquer superfície (lisa ou aspera) incluindo as paredes, chão, o tampo da mesa. Assim, para que a criança não fique condicionada à folha de papel de dimensão reduzida ou a desenhos apenas sobre um tampo de uma mesa poderemos, na parede da sala, colocar papel de cenário para que eles possam desenhar livremente.

Pascoal. M, (2004, nº 71), afirma que “o cuidado com os materiais e a responsabilização pelo material coletivo, bem como o respeito pelo trabalho dos outros, relaciona-se com o desenvolvimento pessoal e social” (pág. 18). Assim sendo, podemos afirmar que a experiência artística refere-se pela liberdade e pela disciplina, assim sobrevêm o equilíbrio e a harmonia.

Por conseguinte, uma atividade tão liberal e espontânea, não necessita de muitos materiais para que o Desenho livre se torne numa experiência arrebatadora, basta um simples espaço, que tenha as condições mínimas para a sua elaboração e de materiais que estão ao alcance de qualquer um, como por exemplo, lápis de cor, canetas de feltro, papel, tintas, pincéis, guaches, aguarelas, entre outros, pois a diversidade de materiais e a acessibilidade são as condições perfeitas para que a criança consiga produzir aquilo que realmente quer transmitir e tenha prazer no que está a fazer.

3.7 - Atividades fundamentadas

Neste capítulo iremos apresentar algumas atividades interessantes para os Educadores realizarem com os seus grupos de crianças. Achamos que é importante divulgar algumas delas, para que possa haver um *refresh* das mesmas. Atraindo interesse de ambas as partes (crianças e educadores), motivando-as a completar novos desafios, através da criatividade e da imaginação. Tendo sempre a atenção de que os projetos possam ter que ser adaptados ao grupo.

Sendo assim, atividades segundo Stern. A, (1974); baseados em Desenho livre sem tema imposto sem que a criança tenha que “justificar” o que desenhou e sem que o seu educador imponha técnicas.

1º - Na iniciação à pintura, basta entregar uma folha (no mínimo A3), pincéis e tintas e dar “liberdade de escolha do assunto, do formato, das formas e cores da sua obra e também o ritmo da sua execução”, pág. 32.



Fig. 6 Desenho Livre

Fonte: Criatividade e lazer

2º - O educador colocará um só pincel para cada copo de cor que é utilizado. Pedindo às crianças para realizarem um Desenho livremente um momento útil para a observação de como cada criança pinta. Depois, o grupo será disposto por mesas de 2 crianças e em frente de ambas, terão os copos com várias cores e para cada copo, agora existirão 2 pincéis e para que as crianças tenham que efetuar ou pedir ao colega para usar aquela cor, atestando o educador para o facto de só poderem colocar os pincéis no copo original para não sujarem as cores.

Aqui, o Educador, irá pedir para os participantes terem a atenção de sempre que utilizarem os pincéis, colocarem de novo nos copos da respetiva cor. Se estes se enganarem e colocarem os pincéis em outros copos, o Educador deve chamar a atenção e explicar porquê, esperando que a criança entenda e faça o mesmo. Se este engano se repetir muitas vezes poderá existir um problema de coordenação da direita – esquerda (pág. 48).



Fig. 7 Pinturas

Fonte: Sousa. C, (2015)

3º - Também se conseguem trabalhar competências importantes com atividades simples. Educador irá pedir às crianças para elaborarem um Desenho de caráter livre e quando estiver acabado, o mesmo, irá pedir, para que os infantês escrevam o seu nome no trabalho, no canto superior esquerdo. Esta atividade tem muita importância porque colabora com a criatividade e com a iniciação da escrita. Irá também ajudar o Educador a identificar de quem é o trabalho e à criança, irá ajudar a saber escrever o seu nome, o que irá contribuir também para o seu desenvolvimento na área da escrita e para distinguir a esquerda da direita. (Pág. 63)

As seguintes atividades são evidenciadas por Homem, C. (2009):

4º - Técnica da digitinta:

Nesta técnica muito utilizada pelos Educadores e Pais. As crianças pintam com as mãos. Caracteriza-se pela criatividade, aliada ao Desenho livre. Assim a criança pode representar algo de forma autônoma, sem precisar de justificar o que realizou, sendo o contrário do que é “imposto” pelo desenho com o tema x. O mesmo autor (2009, nº 88), pág. 41, afirma que

“é conhecida a grande relevância das operações cognitivas no processo criativo e como o estímulo da criatividade leva ao bom nível de desenvolvimento intelectual e à possibilidade de usar estratégias de pensamento que rompam com esquemas rotineiros”.

O mesmo escritor, (2009), pág. 44, atesta que esta técnica beneficia o processo de reconhecimento e de exploração, proporcionando diferentes formas de imaginar, dando a possibilidade de manusear diferentes materiais, realizando as suas atividades de forma livre e criativa.

Para esta atividade é necessário fazer uma papa, com farinha de trigo, água, sabão de barra e corante alimentar da cor escolhida. Esta primeira parte o Educador irá fazê-la previamente e guarda-a. Quando iniciar a atividade, pede para que os participantes vistam as batas e escolham um lugar na mesa.

O mesmo irá espalhar esta papa pela mesa (que poderá estar coberto com um plástico transparente ou branco) e pedirá à criança, para realizar um Desenho livre, utilizando apenas os seus dedos. No fim do desenho feito, o adulto irá colocar uma folha branca sobre o desenho executado, e este passará para a folha. Deixa secar e depois, em grupo, poderão analisar os mesmos.



Fig. 8 Digitinta

Fonte: Colégio Académico (2013)



Fig. 9 Digitinta

Fonte: Colégio Académico (2013)

5º - Técnica de raspar: lápis de cera + tinta da china:

Outra técnica estimulante para as crianças também de termo livre e que usa a raspagem para permitir a descoberta e a experimentação.

Cada grupo terá 5 crianças na mesma mesa. Cada elemento terá uma folha A3 ou A4 branca à sua frente. De seguida, irá riscar a folha com várias cores (de preferência cores fortes), com lápis de cera. Com cuidado e com o auxílio do (a) Educador (a), irá pintar por cima das riscas com tinta da china, deixando secar. Uma vez seco, a criança vai buscar o seu Desenho e o (a) Educador (a) distribuirá pincéis ou colheres e irão aproveitar o cabo do pincel e da colher para raspar o mesmo, fazendo um Desenho de forma livre. Será possível ver o resultado com o fundo que primeiramente foi elaborado.

Também se pode fazer ao contrário, ou seja, primeiro pinta-se a folha branca com a tinta da china e deixa secar. No fim de seco, desenha-se por cima, de forma livre, com os lápis de cera, de preferência com cores fortes. Por fim, podem-se sobrepor várias camadas de cera / tinta da china e com os mesmos cabos do pincel ou da colher, raspa-se e o Desenho fica fantástico.



Fig. 10 Lápis de cera + Tinta da china
Fonte: Passos. F, (2013)



Fig. 11 Lápis de cera + Tinta da china
Fonte: Passos. F, (2013)

3.8 - Desenho em interação com outra área curricular

O Desenho incentiva o início da escrita e do pensamento lógico. Esta preparação é significativa para as crianças, pois ampara-os e prepara-os.

A interdisciplinaridade atua quando, se aborda um assunto de uma certa área, em que se introduz conhecimentos de uma outra área. Podemos assim dizer que é a junção dos conceitos para um conhecimento mais amplo do aluno. De modo a que o mesmo, tenha uma aprendizagem global e não fracionada. (Consoante os autores Silva. F, Schultz. C, & Machado. I, (s.d), pág. 40, que referem Cavalcanti, 2008).

Desta forma, pode ser trabalhada com clareza na arte, possibilitando uma ligação com outras áreas do conhecimento, como por exemplo, a História, a Língua Portuguesa, a Matemática e as Ciências, etc. (Idem, pág. 40, que refere Brasil, (1997).

“Considerando uma das funções simbólicas da linguagem, o Desenho é uma concretização de uma ideia”. Deste modo, é utilizado em atividades educativas, uma vez que apoia o sentimento que é expressado pelo indivíduo. Ao analisar uma obra, o infante exprime os seus sentimentos, evidenciando a influência cultural que recebe (conforme Silva. F, et all., (s.d), pág. 41, que se apoia em Iavelberg, R. (2003).

Pensando em outras atividades que vão de encontro com o Desenho, em conformidade com a autora Guimarães. G, (2012), para. 4, que refere Piaget, J. (1975), afirma que “O jogo é um tipo de atividade particularmente poderosa para o exercício da vida social e da atividade construtiva da criança” conciliando o prazer de realizar o Desenho com a interação dos seus pares e de tudo que lhe rodeia. Para ele, os jogos e as brincadeiras concedem a interação social em ocasiões de prazer que desenvolvem competências de raciocínio. Além de mais, favorecem o desenvolvimento físico, afetivo, emocional e cognitivo.

Similarmente, as histórias infantis, os jogos e as brincadeiras, também têm uma influência na interação social. Como por exemplo, os quebra-cabeças, jogos de encaixe e de memória, blocos lógicos e massa de modelar, são instrumentos que proporcionam um vasto contexto, de modo a ampliar os conhecimentos das crianças. Neste ponto, o adulto, também se pode incluir, fazendo perguntas, observações e apoio na resolução de respostas, para estimular as mesmas.

4. Metodologia de investigação

Numa investigação deparamo-nos com vários tipos de processos, em que será delimitado o melhor processo, para que alcancemos soluções creíveis e verdadeiras. Nesse decorrer, as informações obtidas terão a interpretação de dados que nos traduz a uma ferramenta muito importante ao qual estamos a promover o conhecimento. Assim nos diz Ricardo. M, (s.d) pág.33, que apoia-se em Bell (1997) “uma investigação é conduzida para resolver problemas e para alargar conhecimentos, sendo, portanto, um processo que tem por objetivo enriquecer o conhecimento já existente”.

Para poder escolher o melhor processo de investigação e compreender o fenómeno a estudar, é necessário saber qual é a posição do investigador, qual é o problema em estudo e quais os objetivos a cumprir. Num estudo qualitativo, um dos melhores métodos a adquirir é o método Fenomenológico, pois quer compreender a conduta humana a partir dos próprios pontos de vista daquele que actua.

Indo ao encontro das nossas prespetivas, na realização desta investigação com o intuito de fornecer mais informação sobre o tema, visto que é escassa e como nos encontramos no século XXI e deparamo-nos com inumeras tecnologias, reunimos as informações através de formatos on-line.

4.1 - Problemática do caso – importância do tema

Queremos frisar mais uma vez, que os pais e educadores, nesta fase das garatujas, devem deixar as crianças expressarem-se livremente, contendo-se de opiniões negativas, não as pressionando para que saiam da fase das garatujas, ou seja, que estas não queiram crescer demasiado depressa, pois são estas revelações e demonstrações de expressão que serão pertinentes para o desenvolvimento e ações futuras. Podendo deixar assim a criança bloqueada, passando a ter receio de arriscar e como resultado de se expressar.

A cada etapa ultrapassada pela criança/pessoa mais uma aprendizagem adquirida. Expandindo a sua criatividade e autonomia, conseguindo ter mais simplicidade de se expressar e de se comunicar com o mundo. Segundo Sousa. R, (2014), pág. 7, que apoia-se

em Stern. A, (1971), afirma que “compreender a arte infantil é saber porque se exprime a criança, como se exprime e o que exprime”.

O seu contato com as cores, formas, texturas, irá ter um impacto pessoal que será demonstrado diariamente. Uma criança que tem um à vontade com os vários tipos de expressão, irá desenvolver cada vez mais a sua criatividade e não terá medo de demonstrar isso para o mundo e terá uma voz ativa.

Um dos benefícios desta à vontade / interação, com os materiais, atividades propostas e pessoas é a criança não ter receio de ser ela própria e executar a tarefa tal como ela a interpreta. Deixando a vergonha de lado e aproveitar ao máximo essa experiência. Tornando-se uma boa ajuda na resolução de problemas futuros, em que terá de ser ela própria a resolvê-los, como por exemplo, não entender o que lhe foi pedido fazer e não ter medo de perguntar ou de fazer mal.

4.2 - Paradigma

É nos importante consolidar o fator paradigma neste trabalho, pois ele trata-se de uma exposição daquilo que defende e que acredita, tentando ampliar-se. Consoante Muirazeque. E, (2014), para. 1, que se apoia em levantamentos de Borgatta & Montgomery, (2000), que admite que “é uma importante conquista científica reconhecida por uma determinada comunidade de cientistas, que fornece um modelo do qual deriva uma tradição coerente de investigação científica e também uma maneira geral de olhar o mundo”.

Portanto, conjuntamente, Kuhn, Borgatta & Montgomery, estabelecem as principais funções de um paradigma, que são denominadas por:

- 1 - determinar que tipo de problemas são objetos de estudo apropriados;
- 2 - especificar meios apropriados para estudar estes problemas;
- 3 - delimitar o tipo de teorias e explicações que são aceitáveis.

Com estas prioridades estabelecidas, será possível determinar um conjunto de instrumentos que nos ajudaram a exprimir aquilo em que acreditamos e defendemos.

Para o nosso trabalho, o paradigma apresenta-se da seguinte forma:

1A – a errada interpretação dada ao Desenho Infantil; a falta de atenção ou comentários impróprios aos mesmos; a falta ou inibição de criatividade; o domínio exercido pelos adultos e a má aplicação de programas educativos apropriados para a faixa etária das crianças.

2B – podemos explorar e identificar meios e técnicas que se inserem melhor no presente da criança, ajudando no processo de análise e criatividade.

3C – através das respostas que obtivemos, das observações feitas e dos resultados atingidos, podemos explicar o que foi bem ou mal sucedido.

4D- por intermédio de questionários realizados a Educadores (as) ativas na Profissão, lidando com este tipo de atividades através da interação com as crianças, podemos aprofundar mais questões atribuídas ao nosso dia-a-dia.

O que nos propusemos a apresentar neste trabalho, realizado de forma teórica e com factos de natureza científica confirmados e abordagens qualificadas, expomos um tema, neste caso, o Desenho infantil na fase das garatujas e apresentarmos com explicação de como podemos nos aproximar e obter do grafismo infantil um maior proveito, ajudando as crianças a evoluir e a expandir a sua criatividade.

4.3 - Design do estudo

O nosso trabalho investigativo é de carácter teórico, não tendo como base uma atividade efetuada em estágio. Chegamos à conclusão que deveríamos realizar um trabalho desta ordem, pela escassa informação apresentada à população. Assim, reunimos, informação sobre o tema, com vários autores, expondo uma visão geral sobre as Garatujas.

Deste modo, não apresentamos estudo de casos, nem gráficos ilustrativos, da representação real, mas demonstramos, para quem nada sabe sobre o tema, o que ele representa, as suas etapas e a sua importância.

4.4 - Participantes / Amostra

Não apresentamos nenhuns cálculos ou estatísticas apresentadas, no entanto, durante este ano, houve oportunidade de interagir com Educadores que trabalham com crianças em idades apresentadas neste trabalho. Assim, pedimos a permissão para elaborar um questionário anónimo aos mesmos, para podermos ter um representativo mais real sobre o conhecimento dos educadores sobre a fase das garatujas e o dia-a-dia das crianças. Pode ser visualizado com mais detalhe as informações sobre os participantes inquiridos neste questionário na pág. 39.

4.5 - Instrumentos de recolha de dados

A componente de percurso teórico sobre o “Estado de Arte” foi baseado em documentos online. Considerando que estes documentos nos forneceram uma base de trabalho e um universo de referências legitimadas em autores importantes que descreveram a nossa problemática de forma diversificada e complementar.

5. Comportamento do(a) Educador(a)

Todas as pessoas, seguem outras pela sua forma de ser mais confiante, pela sua segurança, pela sua serenidade, etc. Ou seja, são atraídas pela maneira de como se representam perante a sociedade. Stern, A, (1974), pág. 28, refere que o Educador deve “inspirar confiança, criar um clima no qual a criança toma consciência de si própria”.

Desta forma, é considerável a existência do reforço do vínculo entre o adulto - criança, com o sentido de ocorrer o mútuo respeito e de respeitar a sua individualidade. Transmitindo assim, ao menor que o adulto realmente se interessa por ele, que está atento às suas necessidades, dando apoio quer nas suas glórias, como nas suas mágoas (Aragão. R, (2011), pág. 65).

Desta forma, quando o Educador orienta qualquer atividade com o seu grupo, deve criar um encanto, um fascínio perante a atividade. Assim, a criança estará mais apta a compreender o adulto e os “problemas” que este lhe lança.

A postura do educador deverá ser discreta – ativa, percorrendo a sala. Assim despertará várias emoções, por parte do grupo, estimulando ou acalmando e assim envolvendo-se com o mesmo.

“Não é possível traçar normas rígidas de um programa pré-escolar. O desenvolvimento é criador. A criança conquista seu mundo pela experiência própria. Resume-se a função educativa do jardim de infância a proporcionar ambiente favorável à vida.”

Kebach. P, (2011), pág. 47

O mesmo autor, (2011), pág. 52, repara o quanto é significativa a observação (por parte do Educador), sobre o comportamento lúdico infantil, para que seja possível entender os processos de aprendizagem da criança. Dessa maneira, o Educador, deve ter em conta o “universo das brincadeiras” e sugerir aulas que vão de encontro ao pretendido, de modo a proporcionar qualidade e aprendizagem no “universo acadêmico”. Para que seja possível esta combinação, o mesmo, deverá organizar as atividades educativas, com a colaboração do grupo.

E. M, Victoria Peralta, (2011), pág. 28 – 29 reuniu um conjunto de elementos favoráveis ao crescimento e aprendizagem que os Educadores devem ter em conta perante os seus alunos que seguidamente apresentamos:

<p><u>Ideias Importantes</u></p>	<ul style="list-style-type: none">- A Educação é o caminho para que se desenvolvam e manifestem as potencialidades;- As crianças têm características de desenvolvimento próprias, em cada etapa da vida, que é preciso conhecer e respeitar;- Tudo é importante na educação das crianças, e as coisas mais importantes da vida têm origem na infância.
<p><u>Princípios Educativos</u></p>	<ul style="list-style-type: none">- Cada criança é única, por isso os Educadores devem respeitar a individualidade de cada uma delas;- As crianças pequenas têm tendência a relacionar-se com os outros, o que deve ser fortalecido desde o início;- Cada criança deve realizar atividades por si, a iniciativa deve ser estimulada;- O jogo é a metodologia básica de aprendizagem.
<p><u>Sugestões para o trabalho com as crianças</u></p>	<ul style="list-style-type: none">- Oferecer diversas possibilidades de atividades e materiais às crianças;- Montar canos temáticos nas salas de aula para tornar as atividades mais atrativas às crianças;- É importante que as crianças observem a natureza;- Quando avaliamos as crianças pequenas, precisamos ter em mente que elas são muito mais do que conseguimos observar.

5.1 Questionário ao Educador(a)

Até este momento, explorámos e analisámos, especificidades existentes, a respeito do Desenho livre, mais propriamente, na fase das Garatujas. Mas durante este ano, houve oportunidade da interação com intervenientes que atuam diariamente com crianças e com esta atividade.

Por essa razão, reconhecemos que teria mais relevância, introduzir fatos integrados do dia-a-dia, tendo a colaboração de colegas da área de Educação Infantil, implementando assim um questionário anónimo. Todos os inquiridos responderam de forma voluntária e sincera. Tendo em conta que, “o objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”, conforme o autor Moresi. E, (2003), pág. 42, que refere Gil. A, (1999).

5.2 Realidade apresentada (análise de dados)

Conforme o autor Chagas. A, (s.d), pág. 1, que se apoia em Parasuraman. A, (1991) alega que “um questionário é tão-somente um conjunto de questões, feito para gerar os dados necessários para se atingir os objetivos do projeto”. Com isto, queremos mostrar

Fase das Garatujas. Sua importância para o desenvolvimento cognitivo. a diariamente, entre os profissionais e as crianças, que juntamente promovem capacidades e competências.

Desta maneira, é possível identificar quais as dificuldades sentidas, por ambas as partes e quais as vitórias a serem divulgadas, para mais entidades utilizarem e serem bem sucedidas. Uma vez que a socialização é um elemento dominante nas nossas vidas e o cruzamento entre ambas é importantíssimo para o crescimento das nossas experiências.

Identificamos desta forma, que o questionário é uma estratégia educacional produtiva, em que beneficiamos com as suas diversas respostas, para uma melhor adequação às atividades propostas em sala de aula.

Assim sendo, o presente questionário foi respondido por dez (10) Educadores (as) de Infância, com idades compreendidas entre os 24 anos e os 60 anos. Um dos questionários apurados não irá constar na nossa análise, por abranger um grupo etário das crianças, superior ao pretendido por nós (até 3anos).

As Instituições de Ensino em que se encontram a trabalhar são de cariz público e particular, passando a citar, o Agrupamento de Escolas de Benfica; Agrupamento de Escolas Patricio Prazeres; Centro Paroquial Moreira de Cónegos (C.P.M.C); VovoKids; Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (S.C.M.L) e Jardim de Infância Professor Oliveira Marques.

A diferença que é apresentada na educação a nível público¹ e privado, quer no grau de pré-escolar como no grau superior de ensino, é a forma de como é administrada. Ou seja, a escola pública é dirigida pelo governo e em função disso, o currículo deverá ser standard. Segundo o autor Alebru, (s.d), para. 1, que refere Carbonaro. W, (2006), assegura “quando combinado com pressões para testar o início de carreiras do ensino fundamental dos alunos, é possível que a importância da capacitação académica suplantou outros objetivos”. Isto é, a importância que é dada pelas escolas aos testes implementados e ao cumprimento das normas governamentais impostas, deixando à parte, outras competências não académicas, que também fazem parte da educação dos jovens.

Situação que não acontece nas escolas privadas, em que estas não tem a obrigatoriedade de seguir as ordens governamentais e não existe tanta preocupação com os testes e com o currículo académico. O mesmo autor, (2006), confirma que se deve colocar “mais ênfase em habilidades de socialização”, bem como “esforços artísticos e criativos” idem, ibidem.

- A área curricular destes Educadores apresenta-se como área de Educação de Infância (pré-escolar) e Educação Especial.

¹ Traduzido conforme o original em:

<https://istc201macaulayfall2010.wikispaces.com/Differences+Between+Private+and+Public+Kindergarten+Education>

- A área acadêmica dos quais, difere entre Licenciatura de Educação de Infância e Curso de Educação Especial; Pós-Graduação; Licenciatura em Educação de Infância; Mestrado em Necessidades Educativas Especiais (N.E.E); Mestrado de Qualificação para Docência em Educação Pré-Escolar.
- O tempo de serviço que os mesmos apresentam, varia entre os 2 meses e os 33 anos de trabalho na área de Educação de Infância em pré-escolar.
- Em relação a formação na área do Desenho Infantil, só duas Educadoras (as), afirmaram ter conhecimento acreditado e aprendizagem ministrada no curso base; ação de formação no âmbito do Desenho Infantil e a prática de 21 anos no ativo.

Deste modo, queremos demonstrar a relevância que este tópico trás. Sendo um requisito bastante útil para o enriquecimento da aprendizagem dos alunos, através do Educador (a). Segundo Freitas. R, (s.d), pág. 5, que apoia-se em Fusari & Ferraz (1993) afirmam que dessa maneira é essencial que o Educador (a) procure “descobrir quais os interesses, vivências, linguagens, modos de conhecimento de arte e práticas de vida de seus alunos”, para que inclua os seus próprios conhecimentos da arte, indo ao encontro das experiências dos alunos, tornando assim o ensino da arte mais praticável.

Acompanhando assim a aprendizagem das crianças, o Educador (a) possibilita conhecimentos específicos que irão auxiliar a sua relação com o mundo. Desenvolvendo assim competências como a percepção, observação, imaginação e sensibilidade, que fazem a junção da interação com o mundo, colaborando assim, de forma significativa com outras disciplinas do currículo. (Silva. F, et all., (s.d), pág. 44, que refere Brasil (1997).

- No que diz respeito ao conhecimento sobre garatujas perante os Educadores (as), obtivemos respostas com o conteúdo:

- “uma das primeiras fases na evolução do Desenho infantil” (questionário nº1), que irá auxiliar no desenvolvimento das competências das crianças, iniciando as expressões que levará à pintura e ao início da escrita.

- “é a 1ª fase do Desenho das crianças em idade de creche e pré-escolar” (questionário nº3), sendo uma fase significativa, em que são os tempos mais decisivos das mesmas, estabelecendo padrões de aprendizagem, apresentando resultados que irão ser relevantes para a sua vida.

-“garatujas são os rabiscos que as crianças fazem e a nosso pedido dizem o que desenharam” (questionário nº7), nesta fase (atribuição de nomes às garatujas) já é possível compreender que o infante tem vindo a alterar a sua forma de pensamento, ou seja, quando diz, «aqui desenhei a minha mãe» ou «a casa onde vivo com a minha mãe», demonstra que já realiza o Desenho com uma intenção em que envolve o mundo que o rodeia. Mesmo que não seja visível essa intenção no Desenho, o que importa é o pensamento de representar tal ideia. Esta modificação do pensamento é importante, pois o seu resultado auxilia no desenvolvimento da sua criatividade.

- “as garatujas ou rabiscos são os primeiros traços que a criança produz na tentativa de representar o mundo” (questionário nº8), esta representação manifesta-se através daquilo que visualiza à sua volta, executando-o na forma de Desenho. Estes rabiscos que já têm uma intenção, colocam o menor a imaginar aquilo que quer representar. Retirando do que vê ao seu redor, podendo tornar-se numa conversa com ele próprio.

Analisando assim as respostas obtidas, poderemos dizer que as garatujas ou rabiscos são entendidos pelos profissionais que se relacionam com os infantes, como a primeira fase das suas expressões a nível do Desenho e do seu relacionamento com o Mundo exterior. Com efeito, esses Desenhos podem ser analisados para entender melhor como cada criança é e em que fase se encontra, auxiliando assim os Educadores (as) a criarem ambientes e atividades de acordo com o nível em que se encontra o seu grupo.

- A respeito do tema sobre a reação do grupo em relação ao Desenho obtivemos respostas interessantes de modo a ser perceptível como se trabalha o dia-a-dia com esta atividade. De um modo geral, os resultados apresentados exibiram que os grupos gostavam do Desenho e de realizar o mesmo.

No questionário nº1, deparamo-nos com a realidade dos infantes, que apreciam o Desenho, mas têm uma especificidade. Alguns deles, não desejam realizar a atividade, por se encontrarem numa situação diferente dos seus colegas. Como podemos ver pela resposta dada pela Educador (a), “de um modo geral gostam da atividade, à exceção das crianças com dificuldades físico-motoras”. Esta dificuldade físico-motora esclarece-se por ser uma

“(...) dificuldade de coordenação motora como uma condição congênita do comportamento motor. Identificada pela dificuldade em que indivíduos normais, sem deficiência em capacidades físicas, motoras e neurológicas, têm na realização de movimentos habilidosos”.

Segundo os autores Lucena. A, Gimenez. R, & Bojikian. L, (2011), Petersen. R. D. S, & Oliveira. M. A, (2004), pág. 537 - 550

Da mesma forma, os mesmos autores (2011), para 15, que referem Missiuna. C, (2003), remete-nos e explica-nos como estas dificuldades físico-motoras podem se apresentar nas crianças, assim será muito mais fácil e rápido a resposta que os Educadores (as) podem dar aos mesmos.

- 1- analisar as informações sensoriais do ambiente;
- 2- usar essas informações para selecionar o plano de ação desejado;
- 3- dar sequência aos movimentos motores individuais da tarefa;
- 4- enviar a mensagem correta para produzir uma ação coordenada;
- 5- integrar todas essas ações de modo a controlar o movimento enquanto ele está correto.

No questionário nº 3, recebemos uma resposta que representa o modelo-tipo desta fase de garatujas no Desenho, em que o grupo, simplesmente gosta de “pegar no lápis e de riscar”, dando a opção de realizar o desenho conforme é a sua vontade.

Já no questionário nº 6, é nos dado um exemplo da realidade que os Educadores (as) convivem e têm a responsabilidade de ultrapassarem. Ou seja, quando enfrentam um grupo com idade muito tenra, terão que encontrar respostas adequadas para realizarem esta ação. Assim sendo, este (a) Educador (a), encontrou a solução, na prática livre de oferecer ao seu grupo os materiais bases, assim, os mesmos poderiam explorar como melhor soubessem e quisessem. Como podemos ver a sua resposta: “o meu grupo tem apenas 1 e 2 anos (...) experimentei colocar folhas e lápis e eles adoram”.

- Sobre o mesmo tema, mas referente à segunda parte da pergunta, a qual queremos saber se os infantes gostavam de desenhar ou se preferiam outra atividade. As respostas alcançadas foram de mútuo acordo. Os grupos gostam da atividade e tem ao seu dispor vários tipos de material, realizando-os com frequência.

Conforme o autor Correia. V, (2012), pág. 20, que apoia-se em Salvador. A, (1999), afirma “que a criança apresenta a necessidade inata de se expressar, quer através do brincar, quer pela expressão gráfica. Pelo que não é necessário que o adulto estimule na criança o desejo de desenhar ou brincar, o adulto só têm que permitir e apoiar esse desejo”. No decorrer do nosso contato com crianças desta idade, reparámos que muitas vezes é nos pedido, por parte delas, a realização de um desenho. Como por exemplo, ser hora do recreio e pedirem para regressar à sala por quererem reproduzir um desenho livre. Assim, é possível verificar que a atividade de Desenhar é do agrado dos mais pequenos e que muitas vezes, são eles próprios que pedem para realizar esta atividade e não ficam à espera que o/a Educador (a) tenha a iniciativa para tal acontecer.

- Na pergunta sobre o horário semanal disponível para esta atividade, constatámos que não existe um horário fixo em que é obrigatório desenhar. Podendo ser realizado por vontade das crianças ou sendo já uma atividade proposta pelo Educador (a).

No questionário nº 1, a resposta que obtivemos vai ao encontro disso: “Depende. Desenham por opção, outras por atividade orientada”.

Sobre o questionário nº 7, surgiu espontaneidade por parte de ambos. Como podemos ver na resposta dada: “sempre que querem. Não há horário para esta atividade”.

Em relação ao questionário nº 8, indica-nos também que não existe uma hora específica para realizar a atividade, mas o que ressaltou nesta resposta foi o cuidado de existir uma área de arte na sala. Assim é de fácil acesso para as crianças expressarem a sua vontade de desenhar e de criar de forma espontânea.

Resposta geral: uma a duas vezes por semana ou na parte da manhã.

- Como última questão, pedimos que nos respondessem sobre o nível de desenvolvimento em que o grupo de cada Educador (a) se encontrava. Obtivemos respostas favoráveis e explicações do estado dos seus níveis. Como por exemplo, a existência de um “bom desempenho ao nível do desenho” e que se “encontram dentro dos parâmetros esperáveis para a faixa etária”.

Podemos verificar, conforme no questionário nº1, o (a) Educador (a) afirma que “de um modo geral estão ao nível da sua faixa etária, à exceção das crianças com dificuldades na pinça e destreza manual”. O porquê da existência deste obstáculo, advém dos menores possuírem dificuldades a nível psico-motoras, podemos compreender isso como dificuldade no ritmo, da atenção, do comportamento, da orientação espacial e temporal. Sendo assim, complicado alcançar o nível esperado para a sua faixa etária.

Similarmente, no questionário nº 2, este (a) Educador (a), indica-nos que o seu grupo têm problemas na realização do Desenho a nível da motricidade fina, atingindo os movimentos que exigem maior precisão. Podemos pensar na coordenação olho-mão e a destreza de manipular um objeto. “O meu grupo de alunos devido aos seus problemas de motricidade fina, ainda têm grandes dificuldades no Desenho”.

Outra resposta que obtivemos no questionário nº 3 e 6, vai ao encontro das faixas etárias mais novas. Ou seja, o primeiro ano da criança, em que é complexo avaliar o nível em que se encontram. O que poderá ser avaliado nesta idade é o grau da motricidade fina dos mesmos, em que poderá ser observável a preferência de uma só mão ou realizar o rabisco de forma circular ou em linha vertical. “O meu grupo está na fase mais prematura do desenho (1 ano)”.

Por outro lado, recebemos uma resposta significativa. Como é possível verificar no questionário nº 7, o (a) Educador (a) respondeu da seguinte forma: “como tenho um grupo heterogêneo, tenho crianças que já fazem o girino e outras que ainda fazem garatujas”. Deste modo, existirá um misto de idades, de realidades, de vivências e circunstâncias representadas no mesmo grupo. O que poderá ser uma diferença significativa, em que os mais velhos podem ajudar os mais novos, criando vínculos importantes. Por parte do Educador (a), este (a) terá de ser polivalente e conseguir auxiliar e adaptar todas as atividades aos grupos distintos dentro do mesmo grupo.

No último questionário, nº 10, recebemos uma resposta diferente de todas as outras, em que entra o trabalho do adulto que auxilia significativamente o desenvolvimento da criança.

Conforme os autores Cebalos. N, Mazaro. R, Zanin. M, & Ceraldi. M, (2011) para. 6, que referem Kishimoto. M. T, (2010), dizem-nos que “é importante ressaltar que o lúdico pode proporcionar um desenvolvimento sábio e harmonioso (...) envolve a afetividade, convívio social e operação mental facilitando a apreensão da realidade”.

Como podemos verificar na resposta do (a) Educador (a), o seu grupo está “bastante desenvolvido e bastante criativo porque foram estimulados para tal”. É importante existir este tipo de trabalho para que possa possibilitar às crianças uma aprendizagem mais enriquecida e mais fascinada por aprender.

Em conformidade novamente com os autores Cebalos. N, et all., (2011) para. 10, que cita Rabinovich. S. B, (2007), afirmam que “é essencial que se compreenda o movimento da criança como linguagem e também é necessário que a criança seja livre para agir em um ambiente intencionalmente organizado pelo adulto, mas que lhe propicie a oportunidade de transformar, adaptar, criar, interagir e integrar-se”.

6 - Reflexão final

O Desenho é identificado para as crianças como forma de lazer e de brincadeira, onde podem utilizar qualquer material e suporte que seja mais atrativo naquele momento, sem se preocuparem em apresentar um resultado perfeito, em que se interprete com rapidez o seu significado.

Se prestarmos mais atenção ao Desenho, poderemos retirar muitos elementos dele, tornando-se assim uma porta aberta para os sentimentos e pensamentos das crianças, levando a conhecer melhor quem está por detrás de um grafismo.

Segundo o autor Correia. V, (2012), pág. 11, que apoia-se em Salvador. A, (1999), compreendemos que “O Desenho pode, em distintas situações, tornar-se na indicação, no “espelho” do estado de espírito da criança, porque traduz o que sente, pensa, deseja, o que a deixa inquieta, alegre ou triste”.

Muitas vezes, Professores ou Educadores, olham para o grafismo como uma atividade simples e que se pode encaixar em qualquer momento, em que não haja nada para fazer. Realmente, o desenho pode ser executado sempre que se quiser, mas não ser utilizado para passar o tempo, pois não transmite o significado real de fazer um desenho. Este leva às crianças, de forma livre e espontânea a serem eles próprios e a explorar a criatividade e conseguindo-se descobrir a eles próprios.

Segundo o mesmo autor pág. 12 que refere Lowenfeld. V, (1977), afirma que “o Desenho é importante para o desenvolvimento da criança, pois através do Desenho a criança desenvolve a capacidade de se expressar, de representar o que sente ou vê e ao mesmo tempo desenvolve igualmente a sua criatividade”.

Concluimos assim, que é uma fonte de bom proveito para a evolução das crianças, pois lhes ajuda em diversas áreas, como por exemplo, no desenvolvimento motor, na concentração, na exposição de sentimentos e na interação com os outros e com o mundo que o rodeia.

7 - Referências Bibliográficas

- Lowenfeld. V, (2004). Cadernos de Educação de Infância, nº 71;
- Lowenfeld. V, & Brittan. W. L, (1970). *Desenvolvimento da Capacidade Criadora*. São Paulo: Mestre Jou;
- Pascoal. M, (2004). Cadernos de Educação de Infância, nº71;
- Pascoal. M, (2004). “*Deixei livre o desenho livre*”, cadernos de Educação de Infância, nº 71;
- Salvador. A, (1998). Cadernos de Educação de Infância, nº 71;
- Stern. A, (1974). *Aspectos e Técnicas da Pintura de Crianças*. Livros Horizonte, LDA;
- Stern. A, (1974). *Uma nova compreensão da Arte Infantil*. Livros Horizonte, LDA;

- Alebru, (s.d), istc201MacaulayFall2010. (2010). *Differences between private and public Kindergarten Education*. Blogue. Disponível a 7 de abril de 2016 em: <https://istc201macaulayfall2010.wikispaces.com/Differences+Between+Private+and+Public+Kindergarten+Education> ;
- Alexandroff. M, (2010). *Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita*: (Dissertação de mestrado) Universidade de São Paulo. Disponível a 15 de março de 2016, em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542010000200003&script=sci_arttext ;
- Aragão. R, (2011). *O educador no cotidiano das crianças: organizador e problematizador*. Vol III. Disponível a 10 de março de 2016 em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002147/214769por.pdf> ;
- Barbosa. M, (2013). *Criação, imaginação e expressão da criança: caminhos e possibilidades do Desenho Infantil*. (Dissertação de mestrado) Universidade Federal de São João Del-Rei. Disponível a 27 de janeiro de 2016 em: <http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestradoeducacao/dissertacao%20Marina%20Neves%20Silva%20Barbosa.pdf> ;
- Bordoni. T, (s.d) *Descoberta de um Universo: A Evolução do Desenho Infantil*. Disponível a 30 de maio de 2016 em: <http://www.profala.com/arteducesp62.htm> ;

- Borges, C, (2014). *O Desenvolvimento da Motricidade na criança e as Expressões*. (Dissertação de mestrado) Universidade dos Açores. Disponível a 25 de novembro de 2016 em: <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/3151/1/DissertMestradoCarolinaFatimaBotelhoBorges2014.pdf>;
- Cebalos, N, Mazaro, R, Zanin, M & Ceraldi, M, (2011). *Atividade lúdica como meio de desenvolvimento infantil*. Disponível a 12 de abril de 2016 em: <http://www.efdeportes.com/efd162/atividade-ludica-como-meio-de-desenvolvimento.htm> ;
- Chagas, A, (s.d). *O questionário na pesquisa científica*. Disponível a 23 de abril de 2016 em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1255609/mod_resource/content/0/O_questionariona_pesquisacientifica.pdf ;
- Claudio, S, (s.d). *Grafismo e a sua relação com Alfabetização*. Disponível a 14 de janeiro de 2016 em: http://nippromove.hospedagemdesites.ws/anais_simposio/arquivos_up/documentos/artigos/598c8e354738f88b20bcf576b75cedf0.pdf ;
- Coleto, D, (janeiro / julho, 2010). *A Importância da Arte para a formação da Criança*. Revista Conteúdo, vol I. Disponível a 8 de dezembro de 2016 em: <http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/viewFile/35/34> ;
- Correia, V, (2012). *A Importância atribuída ao Desenho Infantil pelos adultos*. (Dissertação de mestrado). Instituto Politécnico de Beja. Disponível a 16 de dezembro de 2016 em: <http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/3965/1/Estudo%20-%20A%20importancia%20atribuida%20ao%20desenho%20infantil%20pelos%20adultos.pdf> ;
- E, M, Victoria Peralta, (2011). *O educador no cotidiano das crianças: organizador e problematizador*. Vol. III. Disponível a 10 de março de 2016 em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002147/214769por.pdf> ;
- Freitas, R, (s.d). *A formação do Professor do Ensino de Arte na Escola: Uma construção no cotidiano da disciplina*. Disponível a 17 de março de 2016 em: <file:///C:/Users/Diana/Downloads/366-1289-1-PB.pdf> ;
- Guimarães, G, (2012). *O jogo e as suas implicações na Psicopedagogia*. Disponível a 3 de março de 2016 em: <http://cops-psicopedagogia.webnode.pt/news/o-jogo-e-suas-implica%C3%A7%C3%B5es-na-psicopedagogia1/> ;

Fase das Garatujas. Sua importância para o desenvolvimento cognitivo.

49

- Gomes. L, & Chakur. C, (s.d). *Um Estudo sobre a Representação Gráfica Infantil: Contribuições para a Educação Escolar*. Disponível a 14 de dezembro de 2015 em: <http://www.profala.com/arteducep87.htm> ;
- Homem. C, (2009). *A importância da criatividade*. Cadernos de Educação de Infância, nº 88. Disponível a 23 de fevereiro de 2016 em: http://apei.pt/upload/ficheiros/edicoes/CEI_88_F&C.pdf ;
- Kebach. P, (2011). *O educador no cotidiano das crianças: organizador e problematizador*. Vol III. Disponível a 10 de março de 2016 em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002147/214769por.pdf> ;
- Klébis. C, (2015, 19 a 22, outubro). *Arte na Escola: o Papel do Desenho no Desenvolvimento da criança*. Colloquium Humanarum, vol 12, pág. 1139. Disponível a 21 de janeiro de 2016 em: <http://www.unoeste.br/site/enepe/2015/suplementos/area/Humanarum/Educa%C3%A7%C3%A3o/ARTE%20NA%20ESCOLA%20O%20PAPEL%20DO%20DESENHO%20NO%20DESENVOLVIMENTO%20DA%20CRIAN%C3%87A.pdf> ;
- Lowenfeld. V, (1970). *Os Primórdios da Auto – Expressão: A fase das Garatujas de 2 a 4 anos*. Disponível a 29 de outubro de 2015 em: <http://www.arteeducacao.net/garatujas.pdf> ;
- Lucena. A, Gimenez. R, & Bojikian. L, (s.d). *Aquisição de habilidades motoras gráficas em crianças com dificuldades motoras*. (Dissertação de mestrado) Universidade de São Paulo. Disponível a 11 de maio de 2016 em: <http://www.efdeportes.com/efd152/habilidades-motoras-graficas-em-criancas-com-dificuldades-motoras.htm> ;
- Marques. E, A, (2010). *O processo de aquisição da Linguagem Escrita*. Disponível a 24 de novembro de 2016 em: <http://www.webartigos.com/artigos/o-processo-de-aquisicao-da-linguem-escrita/67261/> ;
- Moreira. (1999). *O Desenho Infantil*. Disponível a 10 de novembro de 2015 em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-24032010-160127/publico/6desenhoinfantil.pdf> ;
- Moresi. E, (2003). *Metodologia da Pesquisa*. (Dissertação Pós-graduação) Universidade Católica de Brasília – UCB. Disponível a 18 de dezembro de 2015 em: http://ftp.unisc.br/porta1/upload/com_arquivo/1370886616.pdf ;

- Muirazeque. E, (2014). *Conceito de Paradigma: Tesede Thomas Kuhn*. Blogue – Momentos de reflexão. Disponível a 21 de dezembro de 2016 em: http://muirazeque.blogspot.pt/p/conceito-de-paradigma-tese-de-thomas_03.html ;
- Nascimento. A, Cavalcanti. C, & Araújo. T. (s.d). *A interpretação dos Desenhos de crianças de 03 a 06 anos de idade a partir de seus Professores*. Caderno de Trabalhos de Conclusão do Curso de Pedagogia. Disponível a 9 de fevereiro de 2016 em: <http://www.lematec.net/CDS/TCCV2/CD/artigos/nascimentocavalcanti.pdf> ;
- Pedagogia ao Pé da Letra, (2013). *Proposta Curricular para Educação Infantil*. Disponível a 25 de fevereiro de 2016 em: <http://pedagogiaaopedaletra.com/proposta-curricular-para-educacao-infantil/> ;
- Rodrigues. N, (2011). *Desempenho Motor e Escolar em crianças*. (Dissertação de mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível a 29 de março de 2016 em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32288/000785228.pdf> ;
- Santos. A, & Santos. A, (2012). *O Teatro e suas contribuições para a Educação Infantil na Escola Pública*. Disponível a 26 de janeiro de 2016 em: http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/3252p.pdf ;
- Silva. F, Schultz. C, & Machado. I, (s.d). *A Arte – Educação no cotidiano Escolar*. Disponível a 16 de março de 2016 em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/548_640.pdf ;
- Sousa. R, (2014). *A Expressão Plástica na prática Pedagógica: olhares de Educadores e Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico*. (Dissertação de mestrado) Universidade dos Açores. Disponível a 14 de dezembro de 2016 em: <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/3147/1/DissertMestradoRaquelPatriciaSantosSousa2014.pdf> ;
- Vieira. L, (2007). *O processo de significação do Desenho Infantil*. (Trabalho de conclusão de curso de Licenciatura) Universidade Federal de São Carlos. Disponível a 8 de fevereiro de 2016 em: <http://www.pedagogia.ufscar.br/documentos/arquivos/tcc-2004/o-processo-de-significacao-do-desenho-infantil> ;

- Vygotsky, L, (s.d) *Pensamento e Linguagem*. 2- *A teoria de Piaget sobre a Linguagem e o “A arte de criar”* – No Desenho Infantil na Fase das Garatujas em:
<https://www.marxists.org/portugues/vygotsky/ano/pensamento/cap02.htm> .

Imagens –

- Colégio Académico. (2013). *Digitinta*. Disponível a 18 de maio de 2016 em:
<http://colegioacademico.blogs.sapo.pt/64811.html> ;
- Educar com novo olhar. (2015). Atribuição de nome às garatujas. Disponível a 18 de novembro de 2015 em: http://educarcomnovoohar.blogspot.pt/2015_05_01_archive.html ;
- Laginha, M, (2015). Perspetivas no olhar. *Garatujas Controladas – Registos da expressão própria imaginativa da criança*. Disponível a 17 de novembro de 2016 em:
<http://perspectivasdoolhar.blogspot.pt/2015/03/garatujas-registos-da-expressao-propria.html> ;
- Leinat, A, P, (2013). *Hipótes Garatuja*. Disponível a 12 de novembro de 2016 em:
<http://alfabetizacaocefaproponteselacerda.blogspot.pt/2013/12/hipotes-garatuja.html> ;
- Passos, F, (2013). *Criatividade e lazer*. Disponível a 6 de junho de 2016 em:
<http://criatividadeelazer.blogspot.pt/2013/02/trabalho-de-artes-muito-produtivo-por.html> ;
- Projeto Brincar e Aprender. (2015). *O Desenho Infantil – Garatuja*. Disponível a 29 de outubro de 2016 em: <https://projectobrincareaprender.wordpress.com/2015/06/24/o-desenho-infantil-garatuja/> ;
- Sousa, C, (2015). *Artes na Educação Infantil*. Disponível a 18 de maio de 2016 em:
<https://educacaoinfantilearte.wordpress.com/category/materiais-alternativos/> ;
- Teixeira, S, (s.d). Disponível a *As artes plásticas atuam positivamente no desenvolvimento mental na criança*. Disponível a 21 de outubro de 2016 em: <http://www.cpt.com.br/cursos-educacao-infantil/artigos/educacao-infantil-as-artes-plasticas-atuam-no-desenvolvimento-mental-da-crianca> .

Fase das Garatujas. Sua importância para o desenvolvimento cognitivo.

Anexos

Fase das Garatujas. Sua importância para o desenvolvimento cognitivo.

Anexo 1 - Etapas de desenvolvimento segundo Luquet, Marthe Berson, Piaget

Luquet distingue quatro estágios	
Realismo fortuito	Começa por volta dos 2 anos e põe fim ao período chamado rabisco. A criança que começou por traçar signos sem desejo de representação descobre por acaso uma analogia com um objeto e passa a nomear seu desenho.
Realismo fracassado	Geralmente entre os 3 e 4 anos tendo descoberto a identidade forma-objeto, a criança procura reproduzir esta forma.
Realismo intelectual	Entre os 4 aos 10-12 anos, caracteriza-se pelo fato que a criança desenha do objeto aquilo que vê, mas aquilo que sabe. Nesta fase ela mistura diversos pontos de vista.
Realismo visual	Por volta dos 12 anos, marcado pela descoberta da perspectiva e a submissão às suas leis, dá um empobrecimento, um enxugamento progressivo do grafismo que tende a se juntar às produções adultas.

Tabela Nº1 - Estágios de Luquet

Marthe Berson distingue 3 Estágios do Rabisco	
Estagio vegetativo motor	Por volta dos 18 meses, o traçado é mais ou menos arredondado, conexo ou alongado e o lápis não sai da folha formando turbilhões.
Estagio representativo	2 e 3 anos, caracteriza-se pelo aparecimento de formas isoladas, a criança passa do traço contínuo para o traço descontínuo, pode haver comentário verbal do desenho.
Estagio Comunicativo	Entre 3 a 4 anos, traduz por uma vontade de escrever e de comunicar-se com os outros. Traçado em forma de dentes de serra, que procura reproduzir a escrita dos adultos.

Tabela Nº2 – Estágios do Rabisco de Marthe Berson

Análise Piagetiana	
Garatuja	<p>Faz parte da fase sensório motora (0 a 2 anos) e parte da fase pré-operacional (2 a 7 anos). A criança demonstra ter muito prazer nesta fase. A figura humana é inexistente ou pode aparecer da maneira imaginária. A cor tem um papel secundário, aparecendo o interesse pelo contraste, mas não há intenção consciente. Que pode ser dividida em:</p> <p>Desordenada: movimentos amplos e desordenados. Com relação a expressão, vemos a imitação “eu imito, porém não represento”.</p> <p>Ordenada: Movimentos longitudinais e circulares, coordenação visomotora. A figura humana pode aparecer de maneira imaginária, pois aqui a exploração do traçado, interesse pelas formas. Aqui a expressão é o jogo simbólico: “eu represento sozinho”. O símbolo já existe. Identificada: mudança de movimentos; formas irreconhecíveis com significado; atribui nomes; conta histórias.</p>
Pré- esquematismo	<p>Dentro da fase pré-operatória, aparece a descoberta da relação entre desenho, pensamento e realidade. Quanto ao espaço, os desenhos são dispersos inicialmente, não relaciona entre si. Então aparecem as primeiras relações espaciais, surgindo devido à vínculos emocionais. A figura humana, torna-se uma procura de um conceito que depende do seu conhecimento ativo, inicia a mudança de símbolos. Quanto a utilização das cores, pode usar, mas não há relação ainda com a realidade, dependerá do interesse emocional.</p>
Esquematismo	<p>Faz parte da fase das operações concretas (7 a 10 anos). Esquemas representativos, afirmação de si mediante repetição flexível do esquema, experiências novas são expressas pelo desvio do esquema. Quanto ao espaço, é o primeiro conceito definido de espaço, linha de base. Já tem um conceito definido quanto a figura humana, porém aparecem desvios do esquema como: exagero, negligência, omissão ou mudança de símbolo. Aqui existe a descoberta das relações quanto a cor, cor-objeto, podendo haver um desvio do esquema de cor expressa por experiência emocional.</p>
Realismo	<p>Também faz parte da fase das operações concretas, mas já no final desta fase. Existe uma consciência maior do sexo e autocrítica pronunciada. No espaço é descoberto o plano e a superposição. Abandona a linha de base. Na figura humana aparece o abandono das linhas. As formas geométricas aparecem. Maior rigidez e formalismo. Acentuação das roupas diferenciando os sexos. Aqui acontece o abandono do esquema de cor, a acentuação será de enfoque emocional.</p>

<p>Pseudo naturalismo</p>	<p>Estamos na fase das operações abstratas (10 anos em diante). É o fim da arte como atividade espontânea. Inicia a investigação de sua própria personalidade. No espaço já apreeta a profundidade ou a preocupação com experiências emocionais (espaço subjetivo). Na figura humana as características sexuais são exageradas, presença das articulações e proporções. A consciência visual (realismo) ou acentuação da expressão, também fazem parte deste período. Uma maior conscientização no uso da cor, podendo ser objetiva ou subjetiva.</p>
----------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Tabela Nº 3 – Análise Piagetiana

<p>Fases do Desenho segundo Lowenfeld</p>	
<p>Fase inicial / primeira fase</p>	<p>Por volta de um a dois anos, apresentando uma coordenação imatura, aonde a criança é capaz de riscar na folha de papel, mesmo que linhas simples e curtas. Sem consciência gráfica, na qual segura com as duas mãos alternadamente, mostrando prazer em explorar o material que segura em suas mãos.</p> <p>Por volta dos dois a três anos, adquire controle muscular considerável, onde descobre o poder de realizar imagens em movimentos circulares ou espiralados, começando a rabiscar em diversas áreas.</p> <p>A criança retrata a figura humana, cada vez mais detalhada, quando atinge essa fase descobre a fórmula para produzir uma imagem representativa, podendo aparecer a junção das descobertas, como a imitação da escrita com alguns rabiscos e insinuações em círculos, acrescentando a figura humana. O valor nessa fase está no relacionamento emocional.</p>
<p>Fase da figuração esquemática / segunda fase</p>	<p>Esquemática – os movimentos circulares da etapa anterior evoluem, a partir dos seis anos, descobre-se então a relação da realidade com o seu desenho, baseia-se na sua experiência, transmitindo em seu desenho toda sua afetividade e valores tanto nas expressões dos personagens quanto nos locais ou objetos. Para a criança não há arte abstrata sempre desenhará momentos vividos. A representação espacial aprimora-se, sua visão gráfica geralmente nessa fase ainda apresenta-se desprovida de perspectiva.</p>
<p>Figuração realista / terceira fase</p>	<p>Figuração realista – por volta dos dez anos atinge uma nova etapa de desenvolvimento mental, com senso crítico mais apurado.</p>

Tabela Nº 4 Fases do Desenho segundo Lowenfeld

Fase das Garatujas. Sua importância para o desenvolvimento cognitivo.

Anexos 2

Entrevista ao Educador (a)

Arte Infantil – Questionário

Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar

Caro (a) Educador (a)

Este questionário tem a intenção de recolher informações sobre a Realidade do Desenho Infantil, mais propriamente na Fase das Garatujas.

Sendo assim, um instrumento metodológico que se enquadra numa investigação no contexto do Mestrado em Educação Pré-Escolar, do Instituto Superior de Educação e Ciências, com o intuito de realizar a respetiva Tese.

Todas as informações reunidas são estritamente confidenciais. Por favor, responda com sinceridade, pois a sua opinião é o mais importante.

Obrigada pela contribuição.

1 - Idade:

2 – Qual a sua área Curricular:

3 – Habilitação Académica:

4 – Tempo de serviço:

5 – Instituição de Ensino em que trabalha:

Fase das Garatujas. Sua importância para o desenvolvimento cognitivo.

6 – Têm alguma formação na área do Desenho Infantil? Se sim, qual:

7 – O que sabe sobre Garatujas?

8 – Como é que o seu grupo se sente em relação ao Desenho? Se gostam de Desenhar ou se acham uma atividade desinteressante.

9 – Qual é o horário semanal disponível para esta atividade e porquê.

10 – Como considera o nível de Desenvolvimento no Desenho do seu grupo e porquê.

Obrigada pela sua colaboração! 😊

Fase das Garatujas. Sua importância para o desenvolvimento cognitivo.

Anexos 3

Respostas às entrevistas aos (as) Educadores (as) – Arte Infantil – Questionário